



**Universidade do Minho**

Escola de Arquitectura

Norberto Alexander Quintal Freitas

**Habitções agrícolas no Curral das Freiras:**

História, arquitetura e estratégia de intervenção.

Tese de Mestrado

Área de Cultura arquitetónica

Trabalho Efectuado sobre a orientação de

Francisco Manuel Gomes Costa Ferreira

Julho 2016

Anexo 3

DECLARAÇÃO

Nome: **Norberto Alexander Quintal Freitas**

Endereço electrónico: **norberto112\_1@hotmail.com**

Telefone: **913199399**

Número do Bilhete de Identidade: **14426381**

Titulo da dissertação de mestrado: **Habitações agrícolas no Curral das Freiras: História, arquitetura e estratégia de intervenção.**

Orientador:

Francisco Manuel Gomes Costa Ferreira

Ano de Conclusão: 2016

Designação do Mestrado ou Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Mestrado em Cultura Architectonica

**É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.**

Universidade do Minho

Assinatura:



## Agradecimentos

## Agradeço,

À Câmara Municipal de Câmara de Lobos e à Direção Regional de Informação Geográfica pela disponibilidade e pelo fornecimento das plantas territoriais, ortofotomapas e documentos de apoio, essenciais para a realização desta dissertação.

Ao professor Francisco Ferreira, pela orientação, paciência, ajuda, apoio e disponibilidade de orientar este trabalho, principalmente pelo desafio que foi corrigir o meu português.

As minhas corretoras, Mariana Santos, Rita Gandra e Suzana Sampaio, por acompanharem e lerem os meus textos, com a finalidade de uma melhor apresentação.

A todos os meus amigos que me ajudaram e acompanharam ao longo destes anos, num percurso inesquecível. Aos que estiverem nos bons e maus momentos, desde os murros, às palavras e até ao gozo, mas que me encorajaram e marcaram nestes anos.

À Rita Gandra por me ter obrigado a trabalhar sempre que estava preguiçoso e, sem vontade, estando sempre presente e ao meu lado quando mais precisava.

À minha família que me encorajou e ajudou ao longo de toda a minha vida, especialmente a minha mãe, que sem todo o seu trabalho, dedicação, amor e carinho, nada disto teria sido possível.

Por isso esta tese é dedicada a ela e à terra onde nasceu.

Resumo

Esta tese estuda a habitação popular da pequena Vila do Curral das Freiras, localizada no vale ao centro da Ilha da Madeira. Após a explicação da sua evolução ao longo do tempo, serão identificados os princípios inerentes a sua composição, programa, implantação, métodos construtivos, imagem, que virão legitimar a proposta, subsequente da sua imparcialidade contemporânea.

Esta dissertação corresponde a uma análise territorial e da caracterização da arquitetura das habitações populares, de modo a perceber a história que estas contam ao longo do tempo. Analisando estes dois pontos, explica-se a propagação, a colonização e o surgimento de uma pequena vila, que no início dos tempos funcionou como refúgio dos perigos, assaltos dos piratas ou invasões. Desta forma, são enumeradas várias tipologias, descrevendo as diferentes características, componentes, modo de implantação, programa, métodos construtivos, características agrícolas e as suas formas. Desta modo, cria-se uma coletânea de princípios, que originam uma estratégia de recuperação dessas estruturas.

À especificação da estratégia de intervenção é definida através de um conjunto de princípios extraídos ao longo da análise. A tese insere ainda uma proposta de recuperação sobre uma casa específica do objeto de estudo, realizada seguindo estes princípios relatados na estratégia.

Abstract

This thesis studies the popular housing in the small village of Nuns Valley, located in the valley at the center of the Madeira Island. After explaining its evolution time, it will be identified a set of principles inherent in its composition as, program implementation, construction methods, image; which will legitimize the proposal, following its contemporary impartiality.

This dissertation is guided by a territorial analysis and characterization of the architecture of popular housing, so as to realize the history that they have throughout time. Looking at these two points, is explained the spread, the colonization and the emergence of a small village that in the beginning of time worked as refuge of the dangers, assaults of pirates or invasions. So thus, various types are listed, describing different features, components, method of implantation, program, construction methods, agricultural characteristics and the shape of each. So in this way, it creates a collection of principles that gives rise to a recovery strategy of these structures.

In order to specify the intervention strategy is defined this set of principles extracted from this analysis, the thesis also inserts a proposal for recovery of a specific house from the object of study, projected by following these principles stated in the strategy.

Índice

Introdução	13
1. Parte 1 - História e reconhecimento do território	23
I. Contexto do lugar - A ilha da Madeira e o Curral das Freiras	25
II. Caracterização do lugar	31
III. Evolução - estrutura, infraestrutura, território	39
2. Parte 2 - Arquitetura e caracterização da habitação	43
IV. Programa agrícola	47
V. O carácter agrícola da habitação: o “dia-a-dia”	61
VI. Identificação das tipologias	81
VII. Os casos de estudo	91
3. Parte 3 - Estratégia de intervenção	115
VIII. Estratégia: Os princípios de intervenção	117
IX. Intervenção: sumarização dos princípios: O projeto	127
4. Bibliografia	133
5. Índice de imagens	137
6. Anexos	143



Introdução

“Alfred Lyall apresentou o Curral dialeticamente. Julgou-o, por um lado, fechado em toda a parte por uma serra de magníficos precipícios, dizendo, por outro, que no meio de todos esses horrores se abria uma região feérica, risonha, bem cultivada e frutífera.”

“As casas brancas da aldeia, rodeando uma igreja, pareceram-lhe meio sufocadas pela luxúria das vinhas e dos pomares. Qualificou o lado do Jardim da Serra, donde observava o sítio, de íngreme, porém não abismal em absoluto. Pelo contrário, essa descida gradual por escolhos e saliências era uma das coisas mais engraçadas do panorama”.

Wilhelm Axel fala de “Alfred Lyall (1826)

“Curral das Freiras na visão de viajantes estrangeiros (séc. XIX e XX) ”

Filósofo e viajante inglês nascido em 1795 e falecido em Llangollen a 11 de Setembro de 1865, Alfred Lyall visitou a ilha da Madeira entre a data de 28 de Dezembro de 1825 até 22 de Abril, desse ano. Durante esta visita, o filósofo foi a uma pequena vila no centro da ilha, por volta do dia 13 de Fevereiro de 1826. A referencia à mesma aparece na sua obra “Rambles in Madeira, and in Portugal, in the early part of M.DCCC.XXVI”. Esta pequena vila é chamada de Curral Das Freiras, sendo um pequeno vale escondido na geografia da ilha, de tal forma que impressionou o viajante ao ponto de considerar o local “como uma grande maravilha do cenário da Madeira”.

Desde a altura das descobertas até aos dias de hoje, o testemunho de inúmeros viajantes tem sido uma realidade bem presente não só para à Ilha da Madeira como um todo, mas como também para o Curral das Freiras. Esta visão estrangeira vem demonstrar não só o quão importante é a vila para o turismo da ilha, mas também, vêm premiar este espaço territorial com uma maior base bibliográfica da freguesia, proporcionando inúmeros testemunhos do estado da vila ao longo dos anos.

Cento e setenta e sete anos depois do testemunho de Alfred Lyall, a 23 de Fevereiro de 2003, deu-se a minha chegada a Madeira com doze anos de idade. Vindo de Caracas, Venezuela (umas das maiores cidades da América do sul) enfrentei uma nova realidade, numa pacata ilha situada no Oceano Atlântico. O primeiro contacto com esta ilha, não foi impressionante pois apesar de ser diferente não era nada fora do comum.

Contudo, o caminho desde Santo António até o Curral das Freiras foi uma das coisas mais marcantes, era um percurso turbulento, com curva e contra curva, numa subida imparável até chegar quase ao topo de uma das montanhas que formavam o vale. A partir daí, começava a descida para a vila por uma estrada vertiginosa, serpenteando as montanhas num abismo superior a cem metros e passando por dois túneis, nada contemporâneos, que implantavam nas pessoas imagens de grutas escavadas, como as que eram vistas nos filmes. Estes túneis eram muito rudimentares, com um ar escultórico, encontrando-se no seu interior uma grande diversidade de plantas e musgos que nasciam ao longo dos mesmos. Outra das impressões marcadas na minha memória foi a água a jorrar pelas paredes criando pequenos momentos e lembranças que ainda hoje me percorre. Ao atravessar o último túnel passado uns metros começava-se a ver uma pequena povoação, com algumas casinhas estranha-

mente espalhadas ao longo das grandes montanhas verdes.

Estes vales formavam uma enorme parede cujo único vislumbre para além do verde, era o buraco no topo da formação do vale, onde se observava o céu limpo.

Foi aqui que estabeleci o primeiro contacto com este território muito peculiar, com o qual criei uma forte ligação. Lembro-me do fascínio sentido quando repentinamente começou a chover. Num dia de chuva presenciei-se um momento simples, que muda por completo a imagem desta pequena vila. Uma pequena chuvada é capaz de criar em pouco tempo enormes cascatas ao longo das montanhas, dando a imagem de que surgem dos céus, modificando por completo a paisagem do Curral das Freiras.

Esta simplicidade territorial, aliada às peculiaridades das habitações, as formas, implantações, programas e as rotinas da população, foram construindo imagens e perguntas que foram ficando marcadas na memória de uma criança. As perguntas de meninice, repetiram-se ao longo do percurso académico. A busca destas respostas e a análise de outras tantas questões foram o motor de arranque e o elemento central deste estudo:

- Como surgiu a vila?; Será que foi como o meu avô contou?; O nome está na origem da fuga das freiras aos piratas?
- O que originou a organização da vila, em que as casas surgem espalhadas pelo território sem sequer estar associadas às vias?
- O quão importante foram e são estes caminhos de grandes escadarias e levadas que vão surgindo ao longo da paisagem?
- O quão importante foi e, é a agricultura?; E qual foi a sua influência na habitação?
- Como era viver nestas casas pequenas, onde num quarto dormiam dez pessoas?
- O que levou as pessoas a criarem casas em que todas as divisões tivessem uma porta que as ligasse ao exterior?



Fig. 1 - Face do vale após um dia de chuva.



Fig. 2 - Primeira habitação agrícola visitada, (casa dos pais).



Fig. 3 - Agricultor, palheiro e poios cultivados.

Este trabalho debruça-se sobre as lógicas de construção das tipologias da habitação, particularmente na influência da agricultura, estruturação e organização de uma vila, cuja vida da população gira em torno destas. Por isso, com esta dissertação pretendesse inicialmente mostrar a importância destas habitações, que hoje em dia não passam de marcas de um passado abandonado. Estudando assim um pouco da sua história, retrocedendo até à época da colonização da ilha, onde se irá perceber os métodos e formas de propagação utilizadas, para romper caminho por entre pinheiros e matos, até ao centro da ilha para encontrar o vale do Curral das Freiras.

Ao mesmo tempo que se investiga o território como melhor registro, procura-se clarificar este estudo numa análise bibliográfica, onde se visa esclarecer o passado desta vila. As fontes bibliográficas acerca desta pequena população são quase nulas igualando o seu conhecimento ao isolamento por que passou, dificultando assim qualquer estudo da história que poderia ser contada. Sendo assim, recorre-se essencialmente a três pontos de conhecimento para poder desvendar os segredos desta pequena vila:

O território, a habitação e ao saber popular.

A análise exaustiva desde a escala do território, onde se tenta perceber o porquê da vila e das suas estruturas, até a escala do pormenor da casa, procurando-se entender a maneira de como estas eram vividas e influenciavam o próprio território, criando assim um conjunto de desenhos, esquemas, plantas, cortes e alçados, inexistente até altura.

Apesar de todos estes fatores entrarem em linha de análise, nada garante que estes não foram manipulados ao longo do tempo pela população, passando assim a complementar estas pistas marcadas no território a partir dos testemunhos e conhecimentos de habitantes e viajantes, que ao longo deste inquérito vão deixando os seus depoimentos como método justificativo das respostas dadas.

Esta tese resulta na tentativa de identificar um conjunto de princípios, processos, características, tradições e normas que identificam um certo tipo de habitação em abandono ou ativa. O valor destas habitações vai para além da mera conceção de um abrigo, tornando-se num motor evolutivo que resultou da procura de mais territórios e melhores condições nos terrenos agrícolas. Estas procuras e expansões dão origem a diferentes soluções e tecnologias agrícolas que são retratadas, identificadas e explicadas ao longo do estudo.

A estrutura desta tese resulta da tentativa de descobrir um pouco da história do Curral das Freiras verificando-se que “Agricultura”, funcionou, e funciona como motor de evolução da vila. Partindo de uma vivência de doze anos no Vale, tendo adquirido um profundo conhecimento sobre a geografia, as tradições, a forma de representação dos seus habitantes, as suas histórias, marcas e retratos de uma vila que era isolada, pobre e fundamentalmente movida pela produção agrícola como principal sustento. Cria-se um conjunto de situações não estudadas e peculiarmente interessantes, como tema de trabalho.

O resultado desta análise produz a contextualização da presente tese, sendo assim, este objeto de estudo é dividido em três partes. Em cada uma destas são tratados temas diferentes, que se vão complementando e ao mesmo tempo nos oferecem uma linha de estudo.

No primeiro capítulo intitulado “História e reconhecimento do território” aborda-se as várias escalas, partindo-se de uma análise “macro” da Ilha da Madeira, até à aproximação “micro” da Vila do Curral das Freiras. Começando pela contextualização histórica da ilha, abordando o início da sua colonização e propagação ao longo dos anos, estudando os métodos de transportes, agricultura, habitação e os hábitos do quotidiano da vida desta população.

Chegando ao Curral das Freiras é aprofundada a investigação ao território que confina este lugar, não ficando somente pelo contexto histórico, dando extrema atenção à interpretação dos seus aspetos físicos: os seus caminhos, as levadas, a agricultura e por fim aos tipos de habitação, relacionando e criando um enfoque na ligação entre estes dois últimos aspetos.

No segundo capítulo intitulado “Arquitetura e caracterização da habitação”, começa-se por um estudo da habitação em si. Numa escala mais aproximada, tenta-se perceber o porquê deste tipo de habitação. Inicialmente aborda-se o seu programa especial, as suas aplicações na habitação, e as influências no dia-a-dia. Estas características determinam a particularidade destas casas, distinguindo-as do resto. A partir daqui, tenta-se entender as influências deste programa e da agricultura no quotidiano da população, visto que a atividade agrícola era a principal fonte de sustento da vila, e consumia o tempo útil da vida das pessoas. A partir de testemunhos e relatos do quotidiano de habitantes nativos, tenta-se criar uma imagem de uma população isolada do resto da ilha, de modo a retratar a influência da habitação no quotidiano dos residentes.

De seguida passamos à identificação das habitações, mostrando e catalogando os diferentes casos assinalados, baseando-se nas características que tornam estas habitações em casos diferentes, mas ao mesmo tempo conseguindo uma linha de traços gerais, que interligam alguns dos casos e permitindo assim inserir estas habitações em diferentes “tipologias”. Com isto, pretende-se mostrar que as habitações não só foram surgindo como abrigo aos primeiros habitantes desta vila, mas também retratam a evolução e história desta.

No final é introduzido um terceiro capítulo intitulado de “Estratégia de Intervenção”. Neste último capítulo há a sumula de conhecimentos e de investigação, criando uma proposta e ferramentas metodológicas para futuras intervenções nas habitações. O entendimento da origem e da forma como as estruturas habitacionais podem ser reabilitadas é um dos objetivos de despertar a curiosidade e vontade desta população de voltar, a habitar estas antigas tipologias, que ocupam mais de metade da área habitacional do Curral das Freiras, num verdadeiro apelo as “raízes”.

Como conclusão desta dissertação, irão ser aplicadas estas ferramentas metodológicas num caso de estudo, criando um “exemplo base” que poderá ser replicado em futuras reabilitações e aplicado a diferentes tipologias e casos de estudos distintos.

“The longer I live the more beautiful life becomes. If you foolishly ignore beauty, you will soon find yourself without it. Your life will be impoverished. But if you invest in beauty, it will remain with you all the days of your life.”

Frank Lloyd Wright<sup>0</sup>



## Parte 1 - História e reconhecimento do Território



I - Contexto do lugar - Ilha da Madeira e o Curral das Freiras

A ilha da Madeira situa-se no paralelo 33° N, a precisamente 776 km da costa Africana e a 978 Km da cidade de Lisboa. A Madeira foi uma das primeiras ilhas a serem ocupadas, com um comprimento de 58 Km e uma largura de 23 Km, correspondendo aproximadamente a um terço de Viana do Castelo. (Ribeiro,1985)

Os primeiros colonos ao desembarcarem na Ilha da Madeira instalaram-se inicialmente em dois centros que se situavam no litoral, optando por um sistema de capitánias, que eram encarregues aos primeiros capitães da frota. A primeira capitania situou-se na região de Machico,(no primeiro grande vale), com uma baía basta e bem resguardada. Ocupando assim o lado norte da ilha, atribuído a Tristão Vaz Teixeira <sup>fig2</sup> como seu representante. A segunda capitania localizou-se no lado oeste, na baía do Funchal. Esta era mais baixa e de maior facilidade de acesso as restantes partes da ilha, tendo ficado à responsabilidade de João Gonçalves Zarco <sup>fig1</sup>.

Inicialmente os habitantes foram-se propagando pela linha costeira da ilha, principalmente onde se formavam grandes vales, assegurando sempre abrigo tanto para barcos, como para a população e ao mesmo tempo permitia uma grande facilidade de comunicação com o interior da ilha. Em pouco anos foram povoadas todas as encostas suaves do Oeste, bem como algumas fajãs facilmente acessíveis por mar, (Ribeiro, 1985). Os terrenos férteis das encostas deram assim origem às primeiras e principais povoações da Ilha da Madeira, destacando-se zonas com ribeiras como: Funchal, Santa Cruz, Machico, Porto da Cruz, Faial, Ponta Delgada, Calheta, Câmara de Lobos, etc, (Mestre 2002). Logo após, ter sido imposto o sistema de capitánias, as propriedades foram distribuídas pelos nobres e por alguns burgueses estrangeiros, que alugavam os direitos das propriedades ao longo do tempo à população, seguindo um regime de morgadia, arrendamento, sesmaria, meação, etc. Este sistema favoreceu um desenvolvimento muito rápido na valorização do território. Tratando-se de terras virgens, estas deram inicialmente origem a grandes colheitas, que viriam ditar o desenvolvimento de diferentes culturas alimentares ao longo da ilha. Com o aumento da população e a necessidade de obter mais produção agrícola, começaram a conquistar os terrenos de maior dificuldade de acesso, como os picos mais altos. Estes picos eram compostos por densas florestas e terrenos férteis inexplorados. O desbaste desta floresta proporcionava assim ricas madeiras para exportação e consumo próprio. Os colonos encontram assim terrenos mais íngremes, repletos de pinheiros e eucaliptos. Ao interagir com



Fig. 4 - João Gonçalves Zarco, (1370/1471), explorador e navegador português, que junto com Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, descobriu o arquipélago da Madeira.



Fig. 5 - Tristão Vaz Teixeira, (1395/1480), navegadoe português que explorou e descobriu o Arquipélago da Madeira, junto com João Gonçalves Zarco e Bartolomeu Perestrelo.

B0 - Ver pág. 7 do segundo volume.

Cronologia.

esta nova realidade, os colonos começam a fazer as plantações em socalcos, ou os chamados “poios”, visto ser à maneira mais adequada de lidar com um terreno tão acentuado, garantindo assim um melhor proveito do território oferecido.

## Os Poios

Os poios são grandes elementos construtivos da ilha que surgem como solução para poder lutar contra o grande declive,<sup>B1</sup> com que a população se deparou. Para a sua construção era necessário seguir um conjunto de regras, visto que estes funcionavam como muros de sustentação. Era necessário ter o cuidado para que estes não se desmoronassem ao longo do tempo, devido as intensas chuvas e ventos fortes. “Após haver terminado o alicerce, principia-se a construir o muro propriamente dito, de forma a ficar inclinado para dentro, conforme ganha altura. As pedras a utilizar terão que estar impecavelmente talhadas. Em relação a esta matéria-prima, devem ser observados dois requisitos: a sua rigidez (basalto) e a ausência de irregularidades ou ranhuras entre elas.”, (Branco, 1987).

Era necessário seguir este conjunto de regras nas construções dos muros dos poios, não só pelo cuidado a ter para que os muros não desmoronassem, mas também para facilitar o escoamento das águas no momento da rega, onde estas escorressem lentamente pelas ranhuras das pedras nas paredes. De modo a melhorar a produção agrícola e a produtividade dos poios, a população transportavam terra das zonas baixas e ribeiras, onde eram mais ricas em minerais. Estas eram transportadas em cestos de vimes até aos poios. A criação destes poios tinha em conta o espaço que os mesmos ocupavam, visto que a ilha tem um declive acentuado, estes degraus foram surgindo pelas encostas, assumindo um grande impacto na paisagem da ilha. Ao mesmo tempo estas estruturas revelaram-se imprescindíveis para a população, não só pela propagação da agricultura, mas também para a facilitação da criação de habitação, definição de caminhos pedestres e marcação das propriedades.

“Os poios são imprescindíveis para a ilha. Eles foram o primeiro requisito necessário à intensificação da produção, desde que existissem canais de irrigação”, (Branco 1987).

B1 - ver desenho pág. 9 volume 2.

## **As épocas de cultivo**

No século XV, os poios tinham uma certa ordem de plantação, cultivar por si só não era o suficiente, era necessário saber o que seria mais adequado, sendo assim era preciso entender as bases climatéricas que iam alterando segundo a altitude a que se encontrava o terreno. “A vegetação não é idêntica em todo o litoral, pois a humidade do lado norte é superior à do lado sul. O acesso ao interior montanhoso é difícil, no entanto a metade sul é menos inclinada. Daqui resultam autênticos andares de vegetação e de culturas, com zonas de transição gradual entre si e, por isso, muitas vezes difíceis de limitar na realidade.”, (Branco, 1987).

Foram identificados três patamares de plantação<sup>B2</sup>, ao longo da ilha.

No primeiro patamar encontra-se o patamar litoral, onde a temperatura é mais regular ao longo do ano, aproximando-se mais do clima subtropical. Nesta porção passou-se a introduzir a cana sacarina, que depois será deslocada para a região com um clima realmente tropical. Contudo é a produção de vinho, da bananeira e de muitas plantas tropicais que valorizaram este “primeiro patamar”.

O segundo patamar começa nos 250 metros de altitude, nesta cota começa-se a notar a diferença das quatro estações do ano. Encontrando-se mais variedade na produção, começando-se a plantação de cereais, legumes, castanheiros, milho e batatas.

No terceiro, e último patamar, abrange o pico da montanha, predominando o matagal, que é representado por lauráceas e por urzes arbóreas.



## II - Caracterização do lugar- A Vila do Curral das Freiras



DESCENT INTO THE CURRAL.

Fig. 6 - Gravura de Charles Wilkes (1798-1877) - Descent into the Curral das Freiras.

À medida que os colonos continuavam a sua expansão pela ilha iniciou-se a descoberta de terras localizadas no centro. Esta movimentação para o interior permitiu “achar” uma região completamente isolada do resto da ilha<sup>B</sup>. Este território estava rodeado por grandes cumes, que formavam o possível centro do vulcão, que deu origem a toda a topografia da ilha da Madeira. No percurso para o interior “encontra-se um vale de grande depressão e profundidade de mil metros e dominada por picos de mil e setecentos metros”, (Ribeiro, 1985). Depara-se com um vale extenso, rico em grandes florestas e terrenos férteis, numa das únicas localidades da ilha, em que não se tem vista para o mar, um local alheio ao perigo das invasões e a todos os outros perigos que viver na costa trazia.

Após descobertas, estas terras foram dadas em sesmarias por João Gonçalves Zarco a João Ferreira e à sua mulher Branca Dias. A partir de 1462 estes terrenos tornam-se terras para pastagens do gado principalmente cabras, obtendo-se assim um vale com 2507 hectares de alimento. “O próprio Zarco no final do ano ameaçava aqueles que furtassem o gado que ali pastava.”, (Wilhelm, 1999). As terras começaram por se denominar como Curral, nome devido à enorme quantidade de gado, que já no final desse ano por ali pastava. Em 1474 o Curral foi doado por João Ferreira e Maria Dias a uma das suas netas com nome de Branca Teixeira. Em 1480, todo aquele vale já era rico em gado e muito produtivo, sendo que nesse ano foram comprados de volta pelo senhor da capitania do Funchal, Gonçalves da Câmara<sup>4</sup>.

Em 1492, João Gonçalves da Câmara manda edificar um convento de Santa Clara, na cidade do Funchal, e manda carne suficiente para sustentar o convento, entregando assim o Curral com todo o seu gado, como dote das suas filhas Elvira e Joana que se juntaram ao convento como noviças. O Curral passa a denominar-se de Curral das Freiras, uma vez que as terras passam a pertencer a ordem das religiosas, que as acolheram.

Outra das histórias contadas que dão origem ao nome da vila, data de 1566, quando ocorre o saqueio do Funchal por piratas franceses, que levaram as freiras a fugir e a procurar refúgio no Curral, obtendo-se assim o nome da vila. Até esta altura os pastores andavam pelo Curral sem habitação fixa, iam e vinham cuidando dos seus gados, mas a partir de finais do século XV, começou a surgir uma pequena população de habitantes, que construíram pequenos abrigos, casas simples e modestas, criando as primeiras estruturas habitacionais da localidade,

4 - Gonçalves da Câmara, descendente de João Gonçalves Zarco, que desde o século XV, membro da família dos senhores da capitania do Funchal.

B - Ver pág. 11 do segundo volume.

Para além das grandes escarpas dos vales, os pastos que davam alimento ao gado dos pastores, tornaram estas terras muito procuradas, sendo um incentivo aos primeiros colonos, que foram acertando pedra com pedra, construindo paredes, aplanando a terra e chegando assim à criação dos poios. Nestes, foram iniciadas plantações de diferentes culturas, como o trigo e legumes. Nos declives menos acentuados, junto as margens da ribeira dos Socorridos, faziam-se esmoitadas e plantavam-se cereais. O gado pastava livremente pela vila e aos poucos foram aumentando a área arável do Curral. A agricultura junto com a pastorícia procuraram tornar autossuficientes o povoamento do Curral das Freiras.

Enquanto as Freiras do convento de Santa Clara<sup>4</sup> tomavam conta dos terrenos e das pessoas que aí trabalhavam, estas foram responsáveis pela implantação de novas culturas. Visto que a principal fonte de produção era o gado e algum trigo e cereais. No final do século XVII, o convento procurou o incentivo do cultivo de novas culturas como, cerejeiras, nogueiras, castanheiros e ainda muitas cidreiras. Hoje em dia, estes produtos são as principais fontes produção e rendimento da vila. Durante os séculos seguintes, as freiras foram alugando e vendendo os campos, não só as terras e poios criados, mas também os pastos para a criação de gado.

“Em meados do século XVII, João Fernandes Vares pagava às Freiras pela manutenção de 200 cabras que ali pastavam, 20 000 réis e 10 botijas de manteiga.”, (Whilhelm, 1999). Desta forma as Freiras geriam as terras, trocando os terrenos e pastos, não só com dinheiro, mas também com produtos conseguidos nas terras e com animais, mantendo os conventos ativos. Passado algum tempo, as Freiras começaram a achar conveniente dividir o território em parcelas e arrendá-los, a quem oferecesse mais, implantando um sistema colonial, que baseia-se na repartição de metade da produção arrecadada com as Freiras, acrescido do pagamento monetário pela utilização dos terrenos.

Em 1784 o convento de Santa Clara cedeu à diocese do Funchal uma porção de terreno do Curral das Freiras, de modo a construir um novo Convento, criando uma igreja de adoração a Nossa Senhora do Livramento. Antes da construção do convento, existia uma pequena capelinha de invocação a Santo António, onde os poucos habitantes praticavam o seu culto religioso. A capelinha localizava-se na zona do Curral de Baixo, no sítio da Capela, este santuário foi destruído por um incêndio, onde todos os documentos históricos sobre a vila foram destruídos. Em finais do século XVIII o Curral fica independente da paróquia de Santo António, quando foi elevada a freguesia, por Alvará Régio em 17 de Março de 1790.



Fig. 7 - Camponesa a passear o boi, 1900.

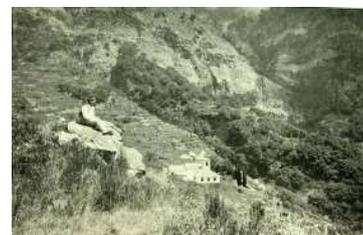


Fig. 8 - Pastor a olhar os campos nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX. Curral das Freiras.

## A População.



Fig. 9 - Sítio da achada, inícios século XX.



Fig. 10 - Curral das Freiras vista do caminho das voltas.

Em 1794 o Curral já dispunha de uma população de 110 pessoas, tendo um crescimento lento na sua população nos últimos 300 anos, devido ao seu isolamento. Só em 1978, 100 anos depois é que o número de habitantes obteve um número relevante, passando a ter 1135 residentes. A partir desta época assiste-se a uma maior afluência de turistas, atraídos pela beleza da paisagem agreste e a subtileza do povo.

Inicialmente, os habitantes fixaram-se no centro da vila, onde os terrenos detinham uma topografia menos acidentada e permitiam uma boa comunicação com os restantes sítios. Este local que é hoje chamado de sítio da Achada, tem o seu nome atribuído, por ser um planalto, que facilitava o tratamento inicial das terras e o início da colonização da vila. A partir deste centro, começaram a surgir caminhos pedestres, compostos na sua maioria por grandes escadarias, que poderiam chegar até aos 1000 degraus. A evolução demográfica criou duas zonas distintas, Curral de Baixo e Curral de Cima. Este desenvolvimento teve como base a procura de novos locais favoráveis à prática agrícola, que facilmente estão associados à proximidade destes, com a ribeira dos Socorridos, permitindo o desvio das águas para a rega.

Apesar do declive acentuado dos terrenos nas margens da ribeira, são encontradas algumas terras aptas para agricultura que se mostram mais ricas e férteis.

A 17 de março de 1834, o inglês John Driver<sup>5</sup> realizou uma excursão a cavalo até ao Curral. Para este, a vila era a “maior curiosidade da Madeira”, chamavam-lhe “freak of nature”. Ao chegar a localidade, este viajante teve dificuldade em comunicar e em expressar a “impressão” retida, pelo que descreveu o momento, da seguinte forma:

“Olhando para baixo, enxergou, no centro daquela porção de terreno cultivado, uma ideia e uma igreja com uma aparência extremamente limpa e branca, distinguindo-se no meio das vinhas e bananais. Era como se a povoação estivesse totalmente inconsciente dos precipícios que a cercavam de ar tenebroso e ameaçador. Apesar disso, o aspeto pareceu-lhe fascinante, podendo ser visto e revisto com emoções de encanto”, (Wilhelm, 1999).

Durante o século XIX começaram a fazer-se grandes mudanças na freguesia do Curral das Freiras, fruto de uma grande afluência de turismo que a vila era alvo. Estas mudanças eram principalmente elaboradas pelas chamadas

5 - John Driver, visitante inglês visitou a Ilha da Madeira entre 10 a 17 de Março de 1834. Descrevendo a sua visita na obra “**Letter From Madeira in 1834**”.

comissões, sendo que estas começaram a construir levadas para encaminhar a água das ribeiras e nascentes até às freguesias do Funchal. Estas levadas serviam, também como caminhos de ligação entre freguesias.

Foi criado um miradouro na Eira do Serrado, para que os turistas repousassem da sua longa viagem desde o litoral até à vila, sendo um local idílico para apreciar a vista do vale.



Fig. 11 - Postal do Curral das Freiras, 1810.



Fig. 12 - Cama de rede, era um transporte utilizado nos séculos passados. Consistia em dois homens a transportar, os turistas, numa rede.



Fig. 13 - Caminho das levadas.

6 - Eira do Serrado é um miradouro localizado no topo de uma das montanhas do Curral das Freiras, ver na cronologia, pag - 5 segundo volume.

7 - George Colvocoresses, Tenente da Marinha dos Estados Unidos, visitou o Funchal a 18 de Setembro de 1828. Escreveu a sua visita em **“Four years in the government exploring expedition”**.

## Os transportes e acesso a vila.

Antes da criação das estradas e túneis, o acesso à vila era feito exclusivamente pelos caminhos antigos, existindo dois que interligavam o Curral das Freiras com a cidade do Funchal. Existia o trilho pela Eira do Serrado<sup>6</sup>, que interligava a vila com o miradouro, e que era chamado o caminho das voltas, subindo pela encosta acima numa mistura de degraus e vias muito íngremes até chegar ao topo do Serrado. Após a Eira do Serrado era feito o resto do percurso até ao Funchal pelo caminho regular, que hoje passou de ser um caminho de terra batida e ervas, para um enorme tapete de alcatrão.

O segundo caminho era muito mais rápido que o caminho das voltas, mas também muito mais perigoso. Este percurso era realizado pela levada de Santo António<sup>7</sup>. Os caminhos das levadas acompanhavam o percurso da água que circulava nas condutas, com dimensões que rondavam os 30 a 50 cm de largura, e estavam desprotegidas. Em algumas partes, estas levadas debruçavam-se sobre enormes falésias, com cem ou mais metros de altura. Este percurso era muito difícil de realizar, existindo sempre riscos como: derrocadas, quedas, mau tempo, etc. “Apesar de não encontramos os registos de óbitos mais antigos, aqueles que consultamos foram suficientes para termos uma ideia da quantidade de pessoas que caem pela rocha... Nas rochas e mesmo na levada existem cravadas cruces que atestam a morte de habitantes.”, (Wilhelm,1999). Quanto aos visitantes que iam até ao Serrado ou mesmo que se aventuravam a descer ao Curral, realizavam um percurso diferente dos habitantes da vila. Estes iam mudando dependendo do século em que se encontravam, passando pela cama de rede, ao cavalo, aos carros de bois, às cestas de vimes, etc. George Colvocoresses<sup>7</sup> viajou até ao Curral em 1838, tendo elogiado o percurso como um dos mais interessantes da ilha, este conta: “Ascendia gradualmente, apresentado ao excursionista, de vez em quando, magníficos panoramas sobre o Funchal e a sua baía. Após ter andado durante algumas horas a cavalo, atingia-se um monte de considerável altitude à margem do curral, donde se divisava de repente todo o cenário.”, (Wilhelm,1999). Após a chegada ao Serrado, existiam muitas maneiras de fazer a descida que podia realizar-se a pé pelo caminho das voltas, ou então em algumas situações existia a cama de rede.

## A habitação.

As casas eram simples, inicialmente em pedra com cobertura de palha ou zinco, em alguns casos chispadas (caiadadas) com cal branca, normalmente em casos de famílias economicamente mais estáveis.

A casa por norma era composta por um ou mais compartimentos, só em ocasiões em que a família era mais abastecida é que a casa detinha maior escala. As habitações continham o mínimo, um volume único, cuja área rondava os 15 m<sup>2</sup>, caracterizado por ser um compartimento para o quarto e outro que funcionava como cozinha, sala e loja. Existiam algumas casas com um pequeno sótão que poderiam ser utilizado para arrumos ou espaço para dormir. Nestes pequenos volumes eram capazes de viver dez ou mais pessoas em muito más condições, sendo que os filhos dormiam no sótão ou junto dos pais, sem qualquer privacidade.

Isabela De França<sup>8</sup>, proveniente de Londres visitou o Curral das Freiras a 23 de Julho de 1853, quando chegou ao topo da montanha e olhou pelo precipício do vale achou uma vista “gloriosa, majestosa e bela”. Contudo o seu testemunho tem um enfoque na apreciação do envolvente da vila e da sua composição. “Admirou a vegetação variada de árvores frutíferas e de toda a espécie, assim como de vinhas. Os três edifícios centrais, a igreja, a casa do pároco e o grande armazém, em que se guardava o vinho, parecera-lhe existir sozinhos no mundo. Apenas quando se olhava com mais atenção, descobriam-se centenas de choupanas, porém tão pequenas e poucas pitorescas, observadas de cima, que se assemelhavam a colmeias.”, (Whilhem, 1999)

António Figueira de Sousa foi um pedreiro que viveu no Curral, e faleceu em 1861, este habitante seria o maior responsável pela construção das casas da primeira metade do século XIX. A proliferação de outras profissões veio tirar pessoas dos campos criando outras áreas de atividade. Sendo possível encontrar um sapateiro, um pintor, um caiador, existiam dois ferreiros e uma pequena padaria. O surgimento da exploração de colmeias permite o aparecimento de um grande número de apicultores, fazendo desse negócio algo de significativo para a vila.



Fig. 14,15,16 - Habitações abandonadas, Sítio da Achada.

8 - Isabela De França, proveniente de Londres visitou a Madeira em 1853, retratou a sua visita no seu diário “**Journal of visit to madeira and Portugal (1853/1854)**”.

III - Evolução - Estrutura, infraestrutura, território

Neste capítulo será mostrado um conjunto de desenhos de análise das áreas de estudo escolhida na vila do Curral das Freiras. A vila divide-se em três zonas<sup>B3</sup> sendo estas:

- A zona da Achada, que marca o centro da vila localizando-se numa cota intermédia;
- O Curral de Cima, situado na zona norte do vale e centrado na cota mais elevada da vila;
- O Curral de Baixo, localizado na zona sul, à qual é dividida em duas partes pela ribeira dos Socorridos, Com uma primeira parte na zona nascente do vale e centrado na cota inferior, enquanto que a segunda parte localiza-se na face poente do vale com cota intermédia, quase igualada à cota do centro da vila.

Também é marcado a zona dos Pais Queimados<sup>B4</sup>, onde nasce a ribeira e afluentes de água que irão fornecer a vila com água potável e o centro da vila com água de rega.

Inicialmente serão identificados as três zonas de estudo da freguesia; Achada no centro da vila, e o sítio da Murteira e da Capela localizados na zona do Curral de Baixo. Deste modo são marcados os seus principais elementos fazendo um “zoom” em cada uma destas zonas. Nestes “zooms” as habitações são estudadas, segundo um conjunto de desenhos onde são desmostrados os varios tipos de relações:

A relação entre a habitação com os caminhos pedonais e estradas<sup>B5</sup>. Neste conjunto de desenhos consegue-se distinguir dois conjuntos de habitações tanto na zona da Achada como da Murteira. Encontram-se habitações ao longo da estrada, construídas nos últimos 40 a 50 anos, viradas para a estrada tendo uma grande relação com esta, sendo que os pátios, as entradas e as varanda estão igualmente viradas para elas. O outro grupo de habitações aparece ao longo dos campos de forma aleatória, os caminhos pedonais surgem como conectores entre as habitações e diferentes partes da vila. Estes caminhos não tem uma relação direta com as casas, sendo que, em alguns casos, é necessário criar caminhos secundários que interliguem estes, com as habitações.

A relação entre a habitação, os poios e os caminhos pedonais<sup>B6</sup>. Neste conjunto de desenhos sobressai ainda mais a diferença entre os dois conjuntos de habitações faladas anteriormente. As habitações localizadas ao longo das estradas não tem uma relação muito próxima com os campos, privilegiando a relação estrada em detrimento do afastamento à área agrícola.



Fig. 17 - Habitação de costas para a estrada.



Fig. 18 - Habitação de costas para o caminho.

B3 - Ver págs. 11 - 13 do segundo volume.

B4 - Ver pág. 15 do segundo volume.

B5 - Ver págs. 17 e 33 do segundo volume.

B6 - Ver págs. 19 e 35 do segundo volume.



Fig. 19 - Percurso até aos Pais Queimados.



Fig. 20 - Método de desvio das águas.

B7 - Ver págs. 21 e 37 do segundo volume.

B8 - Ver págs. 23 e 25 do segundo volume.

B9 - Ver pág. 27 desenhos 4,5,6 do segundo volume.

B10 - Ver pág. 27 desenhos 7,8, do segundo volume.

Em comparação, as habitações que se afastam das estradas, estão normalmente implantadas em grandes zonas agrícolas, ou com grandes terrenos, sendo mais próxima a relação destas com os campos.

Os caminhos pedonais surgem ao longo da vila, interligando as suas diferentes cotas. Hoje em dia estes caminhos interligam as estradas com as habitações, que se situam longe destas, mas essencialmente, interligam a vila com os campos agrícolas surgindo de várias formas ao longo destes.

Por último é realizado um desenho síntese,<sup>B7</sup> onde os temas anteriores são inseridos e trabalhados em conjunto, com as infraestruturas da vila. Estando patente as diferenças dos edifícios, que surgem ao longo das estradas, dos edifícios que surgem nas periferias e, a ligação de ambos com os campos.

Para aprofundar este estudo, de modo a perceber melhor a importância da agricultura e a sua influência na vila, foram elaborados um conjunto de cortes que contam o percurso e as diferentes situações criadas pelas levadas desde o início do seu caminho (nascente) até a chegada ao território agrícola ou seja os poios, quer seja na zona da Achada, como na zona da Murteira e Capela.

Na zona da Achada<sup>B8</sup> a água utilizada na rega é procurada na ribeira dos Pais Queimados sendo conduzida desde esta ribeira, por um senhor chamado de levadeiro. Este encaminhava a água para todos os terrenos e controlava o tempo de rega de cada pessoa, esta água era alugada à hora, sendo que hoje em dia é cobrado 15 euros por hora.

Até a água chegar à zona agrícola é conduzida por um conjunto de diferentes estruturas. No momento em que a água é recolhida, cria-se uma pequena poça para acumulação da água, esta depois é encaminhada por um tubo através da ribeira até chegar a encosta da montanha.

Ao chegar à encosta, a água é conduzida através das levadas, sendo que esta interação de diversas maneiras com o território, passando por precipícios, encostas, pontes, nos casos em que esta passa por cima de outras ribeiras, etc<sup>B9</sup>. Durante o percurso é necessário contornar uma montanha, antigamente esta transição era realizada numa pequena levada que se debruçava num enorme precipício, atualmente e devido aos perigos, realizou-se um túnel através da montanha, que conduz a água até chegar a zona superior da Achada e poder ser conduzida até aos campos.<sup>B10</sup>

Ao chegar a zona habitacional da Achada as levadas vão interagindo com o território de várias maneiras, inicialmente ao chegar à zona dos campos surgem diversas ramificações ao longo dos terrenos, em alguns casos as levadas torna-se nos próprios caminhos pedonais criando uma enorme escada ao longo dos campos<sup>B11</sup>. Quando as levadas interagem com as estradas, caminhos e as restantes zonas agrícolas, estas implantam-se nas bordas. Na zona das estradas e caminhos, estas cumprem mais do que a função de conduzir as águas da rega, sendo que fazem as drenagens das águas das chuvas das zonas habitacionais da vila, até as zonas das ribeiras.<sup>B12</sup>

Na zona da Murteira e da Capela a água da rega é conseguida de maneira diferente, sendo que nestas zonas a água é obtida através da sua acumulação em várias poças agrícolas que surgem ao longo do território. Estas poças<sup>B13</sup> podem ser utilizadas várias vezes ao dia, e normalmente localizam-se perto de pequenas ribeiras ou nascentes, podendo ser assim fácil o seu abastecimento.

O percurso desta água é feita também por levadas, estas criam no território os mesmos momentos que foram já referidos, sendo que têm uma maior aproximação com à habitação, interagindo com estas de maneira mais constante, ao contrário da situação da Achada, em que esta não influencia muito a habitação.<sup>B14</sup>



Fig. 21 - Interação das levadas com a zona agrícola.



Fig. 22 - Interação das levadas com à habitação.

B11 - Ver pág. 27 desenhos 9, 10 e pág. 29 desenhos 11 e 12.

B12 - Ver pág. 29 e 31 do segundo volume.

B13 - Ver pág. 39 do segundo volume.

B14 - Ver pág. 41 e 43 do segundo volume.

## Parte 2 - Arquitetura e caracterização da Habitação

“ O Curral era sempre o Curral.

Oh quando era pequenino era uma casinha aqui uma casinha la, eram todas em zinque e palha. Existiam dez casais quando era pequenino, agora são outros tempos”

(Estes dez casais refletiam a zona da Achada e não no resto da vila)

João Figueira Quintal

“Do outro lado, o declive para a profundidade era menos brusco, de modo que uma senda podia descer para a Igreja de Nossa Senhora do Livramento. Ladeada de algumas casinhas e quintais, parecia ali em baixo como um brinquedo. Pauli designou o Curral como fauces da terra. Era difícil desviar os olhos dali”  
(Pauli 1879).

(Wilhelm, 1999)

Esta segunda parte da tese debruça-se essencialmente entre a ligação da habitação e da agricultura e como estas duas esferas trabalharam como motor de propagação da vila. À medida que a população do Curral das Freiras se vai instalando no território e aumentando o seu número, surge a necessidade de procurar novas terras. Expandindo-se lentamente, procurando principalmente os terrenos perto da ribeira dos Socorridos.

A análise extensa destes elementos vem catalogar e marcar o que poderia ser um pequeno contributo de proposta de um inquérito, a uma eventual arquitetura popular madeirense com base na freguesia do Curral das Freiras. Seguindo alguns princípios do inquérito à arquitetura popular em Portugal, no sentido em que se tenta perceber como era o dia-a-dia desta população, e a própria influência dessa agenda e da prática agrícola na habitação.

Ao longo deste capítulo vão aparecendo estratos de uma entrevista feita a João Figueira Quintal, um dos habitantes do Curral das Freiras. A entrevista foi realizada não só para servir de apoio aos conteúdos históricos sobre a vila, mas também na perspetiva de recolher informação de uma pessoa que viveu no isolamento durante a maior parte da sua juventude, passando uma infância de pobreza e dificuldades, como era a realidade da maioria da população desta pequena freguesia. A escolha do método entrevista a um ancião da freguesia visou recolher não só a impressão, o saber popular, a recolha de tradições transmitidas entre gerações, mas também o sentido crítico e prático deste, face a organização espacial da vila.



#### IV - Programa Agrícola

Para perceber e estudar as diferentes tipologias foi necessário entender o que é que estas habitações têm de especial quanto ao seu programa. Sendo o Curral das Freiras uma vila de carácter agrícola a vida da população gira completamente em torno desta atividade, eventualmente a própria habitação vem refletir a importância da agricultura na vida desta pequena população.

Toda a habitação da menor tipologia à de maior dimensão é pensada segundo a rotina agrícola da população. Cada habitação tem um conjunto de espaços, que vão alterando a sua localização, o seu tamanho, a sua importância, o carácter e influência de cada um destes programas, na casa ao longo do ano. Por isso neste pequeno capítulo vão ser enumerados esses conjuntos de espaços, apresentando as suas características, de modo a percebermos como é que estas influenciam a forma da habitação e o dia-a-dia da população.

Este programa é dividido em dois grupos:

- Dentro da habitação - vãos, corredores, sótão e caniço, lagar e loja.
- Fora da habitação - Pátios, poças e palheiros.

A descrição destes elementos, inclui as suas características, funções, aspetos e métodos construtivos nos casos em que seja necessário demonstrar.



Fig. 23 - Peculiaridades da habitação agrícola.

## Vãos



Inicialmente nas habitações os vãos são muito simples, estes só começam a ser tratados nas tipologias mais recentes, primitivamente estes eram compostos por um conjunto de simples tábuas aglomeradas ou uma única “folha de madeira” o suficiente para fechar a casa. A partir duma determinada altura, começam a ser usadas utilizadas janelas duplas, sendo constituídas por uma parte de vidro e outra como tapa sóis de madeira<sup>B16</sup>.



Quanto às portas, estas seguem a mesma lógica das janelas. Inicialmente detinham um conjunto de tábuas, mas nas tipologias mais recentes, estas começam a ter algum tratamento e características diferentes dependendo da importância da porta. A importância varia no piso, ou na função do compartimento a que dão entrada. Nas casas de dois pisos, encontram-se no piso superior portas com pequenas janelas no topo e com mais tratamentos, enquanto no piso inferior as portas são simples e sem nenhuma entrada de luz, devido a estarem ali localizadas as lojas.

Quanto aos materiais com os quais estas são construídas, não existe muita variedade para além da madeira, com a exceção da introdução no último século do alumínio, mas seguindo o mesmo desenho, do que as portas construídas em madeira.

Figs. 24, 25 - Janelas com mais tratamento e tapa sois.



Fig. 26 - Porta de piso superior com entrada de luz.

B16 - Ver pág. 47 segundo volume.

## Corredores

Os corredores internos são um grande definidor destas tipologias, pois ao contrário dos corredores convencionais, que fazem a ligação entre quartos no exterior destes, a ligação interna entre os espaços é realizada pelos mesmos, fazendo com que o compartimento se aproprie do corredor. Estes são encontrados normalmente a partir da tipologia 2; quando a casa tem dois pisos, este corredor só é encontrado no piso superior onde se localizam os quartos e a sala. Como no piso inferior são localizadas as lojas não é necessário esta ligação. Em certos casos, mais tardios, é possível encontrar este corredor no piso inferior, interligando apenas alguns espaços de carácter mais social, deixando as lojas e lagares de fora.

Esta transição é facilitada devido à programática da habitação, como cada compartimento tem o seu próprio acesso ao exterior, os quartos podem estar fechados sem prejudicar a acessibilidade à habitação.



Fig. 27 - Aspeto do corredor interno.



Fig. 28 - Vista do outro lado do corredor.



Fig. 29 - Sótão em casa abandonada.



Fig. 30 - Escadas de acesso ao sótão, neste caso caniço.



Fig. 31 - Entrada para o sótão através do quarto.

## Sótão

Os sótãos<sup>B17</sup> são uma parte essencial do programa da habitação, já sendo implantando desde o início das tipologias; este foi-lhe atribuído inúmeras funções ao longo do tempo, variando dependendo da tipologia no qual se inseriam. Inicialmente o sótão foi utilizado como arrumos ou despensa, quando as casas não tinham área suficiente, à medida que as tipologias evoluíram e as familiares ficaram mais numerosas, este espaço ganhou importância, sendo utilizado como dormitório das crianças (por vezes dormiam dez miúdos num espaço de 15 m<sup>2</sup>). Quando estes se localizavam em cima da cozinha, poderiam ser considerados caniços dependendo do tipo de laje.

Existem duas maneiras de fazer o acesso aos sótãos e normalmente são estes que o definem se o espaço é habitado ou se destina a arrumos.

Quando a entrada é feita por dentro da casa, por uma pequena abertura no teto, estes normalmente são feitos para arrumos, a sua estrutura fica virada para cima fazendo com que seja difícil este ser habitado. Quando a entrada é feita de lado, a estrutura dos pisos fica virada para o piso inferior, tornando a parte de cima habitável.

Estas lajes e estruturas são construídas normalmente em madeira, tendo vigas com intervalos que variam entre os 60 e 90 cm. Outro dos elementos que definem a sua função é o material de acabamento.

Quando o acabamento é feito em tábuas de madeira surge um piso habitável, apropriado para quartos ou salas, mas quando o piso é feito em ripado de madeira ou canas, esta sobrecâmara é destinado a caniços e arrumos.

B17 - ver pág. 47 segundo volume.

## Caniço

O caniço<sup>B18</sup> é um espaço utilizado essencialmente para a secagem e armazenamento de alimentos. Com a grande existência de produtos como a castanha, noz, milho, trigo, etc. É necessário na habitação existir um elemento que facilitasse a secagem dos alimentos para armazenamento durante o resto do ano. O caniço é essencialmente um espaço localizado por cima da cozinha no “sótão” deste volume. A localização visa aproveitar o fumo produzido na preparação dos alimentos, para a secagem lenta dos produtos agrícolas armazenados.

O caniço é um espaço reduzido e nos casos estudados, o seu pé direito é muito limitado. O acesso é realizado normalmente de duas formas. A mais usual é feita através de uma escada exterior, não existindo ligação interna entre a cozinha e o caniço, existindo só uma pequena porta num dos alçados laterais, para o seu acesso.

Existe uma segunda alternativa de ligação ao caniço através do interior, por meio de uma escada parecida com uma escada de alçapão, que rompe a laje, através de uma pequena abertura na laje, fazendo a ligação entre a cozinha e o caniço.

Outro ponto importante no caniço é a saída de fumo, tratando-se da cozinha, e contrariando a lógica da extração do fumo para fora desta, este tipo de habitação encaminha o fumo, para que se acumule na parte superior, aproveitando este, para a secagem dos alimentos. Por vezes encontramos estes espaços sem chaminés, mas sim, com pequenas aberturas nas partes superiores dos alçados, de modo ao fumo ser extraído, após ter circulado no caniço.

O sistema construtivo do caniço estava intimamente ligado às poses das famílias pelo que a sua estrutura poderá variar entre a presença de pedra, podendo ser caiada ou não. O resto da estrutura é realizada em madeira, fazendo as armações da cobertura e da laje intermédia. O que é essencial nestes espaços é a realização intermédia da laje, estas eram construídas de duas maneiras:

- Laje em ripado de madeira;
- Laje em canas, (a mais comum), sendo um material produzido pelas próprias pessoas, provenientes das colheitas, que após um processo de desfolhagem e limpeza, estavam prontas a ser utilizadas. Estas lajes tinham que ser resistentes e ter a dupla função, de permitir a mobilidade em cima delas e existir um espaçamento entre as canas ou ripado de modo ao fumo poder passar de um compartimento para o outro.



Fig. 32 - Cozinha a lenha.



Fig. 33 - Laje do caniço em canas.



Fig. 34 - Laje em ripado de madeira vista do caniço.

B18 - ver pág. 47 e 51 segundo volume.



Fig. 35 - imagem do "macaco" a espremer o bagaço.

8 - Vara - peça metálica localizada a centro do lagar;

9 - Bagaço - é chamado assim aos restos das uvas depois da pisa.

10 - Macaco - Peça metálica hidráulica utilizada para espremer as uvas.

## Lagar

O lagar<sup>B18</sup> é uma das principais áreas de trabalho que faz parte da casa, estando mesmo dentro da habitação. Normalmente este elemento é encontrado no piso inferior da habitação, pois sendo uma estrutura fixa tem que ter o seu espaço reservado. Quando as casas não tinham área suficiente para os albergar, nas tipologias com menor dimensões é possível encontra-los no exterior das habitações.

Ao nível do sistema construtivo, os lagares são construídos como as habitações, utilizando-se a pedra para fazer as paredes exteriores, que seriam depois rebocadas, criando-se um fundo falso com enchimento de entulho para atingir as alturas necessárias. São utilizadas partes metálicas, chamadas de vara<sup>8</sup>, onde depois do pisar das uvas, é colocado o "bagaço"<sup>9</sup>, e com a ajuda de uma corda é criado uma espécie de cesto recorrendo ao "macaco"<sup>10</sup> as uvas são espremidas de forma repetida. Uma das tradições comuns é utilizar-se um cesto de vime para reter as uvas e deixar passar só o sumo, servindo de filtro. O lagar em si, é composto principalmente por estes utensílios na fase de espremer, contudo existem mais dois elementos fundamentais no processo de produção vinícola:

- A Vácia metálica, que serve para transportar o vinho do lagar até a pipa;
- A pipa que serve para armazenar o vinho, tanto na fase de fermentação, como na sua fase de armazenamento.



Fig. 36 - Lagar em ruínas.

## Loja

As lojas<sup>B19</sup> são espaços simples, localizados no piso inferior da habitação. Devido a terem algumas faces enterradas permite que a mesma, detenha uma temperatura mais amena, em virtude da menor exposição solar, e reduzida grau de luminosidade, criando um melhor ambiente para a conservação dos alimentos. A funcionalidade das lojas não se esgota no armazenamento dos alimentos produzidos. A sua localização privilegia o armazenamento das ferramentas e utensílios utilizados para os trabalhos na agricultura.

As estruturas utilizadas para armazenar os alimentos são chamadas de tarimbabas, nelas há acomodação dos alimentos agrícolas de várias naturezas, sendo os mais frequentemente as sementes, batatas doce, pimpinelas, inhame, etc. Estes elementos de madeira variam na sua forma, podendo ter dois pisos ou serem simplesmente rasteiras, construídos com tabuas de madeira, sendo feitas de duas formas:

- Rasteiras: onde a estrutura de madeira pousa no chão, criando só um limite. Contudo devido a contaminação por ratos e bichos encontrados com muita frequência, estas estruturas caíram em desuso.
- Suspensas: onde a estrutura de madeira assemelha-se a uma “cama de beliche”, levantando as plataformas e retirando os alimentos do “chão”.

No que diz respeito aos utensílios agrícolas guardados nas lojas, encontram-se com regularidade as seguintes ferramentas:

- As foices que são utilizadas para apanhar erva ou mondar (lavar) os campos, sendo utilizados para apanhar e limpar vimes;
- As enxadas que são utilizadas para escavar a terra e plantar as sementes;
- As foices de corte que são utilizadas para limpeza do mato, como silvados, ou para apanhar as canas, para as diversas utilizações destas, nos campos e em algumas habitações;
- O pilão é um elemento utilizado para esmagar os cereais, para posterior depósito nas pias;
- As pias são estruturas esculpidas em pedra, criando o buraco no centro, onde seriam colocado os alimentos, que depois com a ajuda do pilão são pisados até se obter as farinhas.
- A pia de rodizio é um elemento utilizado também para moer o milho e cereais, estes elementos são criados em pedra, hoje em dia caíram em desuso.



Fig. 37 - Tarimba rasteira.



Fig. 38 - Loja em habitação abandonada, armazenamento de pipas e cestos.



Fig. 39 - Zona de arrumos de lenha na loja.

B19 - Ver pág. 49 do segundo volume.



Fig. 40,41 - Pátio frontal na habitação.



Fig. 42,43 - Pátio na retaguarda da habitação.



Fig. 44,45 - Pátio na lateral da habitação.

## Pátio

Os pátios são elementos centrais tanto da habitação, como na vida agrícola das famílias, onde se desenrola a maioria das atividades do dia-a-dia dos residentes. Estes espaços cumpriam funções habitacionais, tais como sala de jantar, sala de estar e espaço de trabalho, quando as habitações detinham uma área reduzida, passando estas funções para o pátio. Por norma era o espaço com mais área da casa. Este pátio poderia localizar-se em três posições diferentes na casa: a sua frente; atrás ou de forma lateral. Cada uma destas localizações alteraria a maneira de como o programa se desenvolve na habitação, essencialmente com as entradas.

Por norma os pátios são colocados de modo a tirar o maior partido não só da habitação, mas também do contacto com os poios, virando estes para onde se situa a maior porção do terreno. Em algumas situações, eram aproveitados as águas que passavam nas levadas, formando pequenos tanques para limpezas das roupas entre outros.

Quando este se localiza na zona frontal da habitação, a casa desenvolve-se em relação direta com o pátio, isto é, todas as entradas ficam viradas e em contacto com este, podendo usufruir como um prolongamento das áreas internas. Quando esta tem dois pisos, o pátio frontal localiza-se na parte inferior e no piso superior passamos a ter uma varanda, que cumpre a função do aido inferior, dando a entrada a todos os compartimentos, formando uma espécie de corredor, que é duplicado no interior. Nestes casos a maioria dos poios encontram-se à frente das habitações, sendo o pátio o momento de transição, entre a casa e o terreno agrícola.

Quando o pátio se localiza na retaguarda da casa encontra-se uma lógica contrária as habitações de pátio frontal. Normalmente é encontrado em casas de dois pisos, sendo que a parte superior detém a entrada principal e na parte frontal da habitação ficam localizadas as janelas e as entradas inferiores e um pequeno pátio de apoio as lojas. As parcelas agrícolas estavam localizadas na sua maioria na retaguarda da habitação.

Quando este se localiza na lateral da habitação volta-se a encontrar uma lógica parecida às casas com o pátio na retaguarda, criando um pequeno pátio de apoio às zonas inferiores da casa, destinadas as lojas. Este altera essencialmente a organização interna da habitação, tornando-se um dos primeiros exemplos onde surge um corredor interno ou um hall que faz a distribuição aos diferentes compartimentos da casa, o que era uma exceção na altura.

O pátio é constituído por um ou mais “elementos”, que facilitam a interação da parte do habitar com a parte agrícola. Estes elementos tentam facilitar a vida das pessoas, criando momentos ou situações, que não são conseguidas no interior da casa, devido à sua área, ou falta de infraestruturas como água, tornam esta zona de vital importância.

As latadas<sup>B20</sup> são pequenas estruturas de madeira ou metálica, onde as vinhas se desenvolvem e se adaptam às armações. A sua colocação na zona dos pátios, tem como finalidade a criação de sombra dada pelas folhagens, e a facilitação por proximidade do transporte das uvas até ao lagar. O facto desta cultura ter uma folhagem caduca permite que durante o inverno haja mais luz na casa, enquanto no verão, estas permitem uma agradável sombra.

Os bancos: são pequenas estruturas localizadas nas margens dos pátios fazendo o próprio limite destes, oferecendo uma zona de descanso e permitindo que seja possível pousar as ferramentas e objetos durante os intervalos do trabalho. Os bancos são normalmente construídos em pedra, sendo rebocados no final, em casos mais recentes podemos encontrar estas estruturas em tijolos.

Os tanques: são pequenos objetos encontrados ao lado das levadas, de modo a poder utilizar a água proveniente destas, obtendo abastecimento permanente e gratuito 24 horas por dia. Estes destinam-se à lavagem de roupa ou loiça.



Fig. 46 - Vinhas sobre o patio, criando sombra no verão.



Fig.47 - Banco contínuo no pátio da habitação.



Fig. 48 - Tanque de água na habitação.

B20 - ver pág. 55 segundo volume.



Fig. 49 - Interior do palheiro, "Comedouro" local onde se colocam os alimentos.



Fig. 50 - Exterior do palheiro.



Fig. 51 - Pequena cabrita.

## Palheiros/Chiqueiros

O palheiro<sup>B21</sup> é uma estrutura muito utilizada na habitação agrícola, essencialmente por famílias cujos terrenos não estão localizados só na sua área habitacional, mas sim nos arredores.

A criação destes pequenos elementos, facilita o armazenamento das ferramentas de trabalho, ou até de alimentos, cumprindo assim a função de loja, mas afastada da casa. Estes palheiros não têm só a função de arrumos, mas também de abrigo para os animais, sendo a opção, de localização afastada dos animais face às habitações, aproveitando estes espaços para fins zootécnicos. Quanto às infraestruturas, os palheiros não são muito elaborados resumindo-se ao local onde se coloca a alimentação dos animais, o comedouro ou gamelão, e um local para o armazenamento de alimentos.

Existem também várias maneiras em que os palheiros e chiqueiros interagem com a habitação, podendo-se encontrar agregados, separados ou nem sequer na propriedade. Nos casos em que os palheiros estão agregados, surgem sob três formas distintas:

Na primeira forma, há um volume único do género da casa da tipologia base, podendo aparecer agregado ou separado por completo, isolando os animais do exterior.

Na segunda forma, o palheiro surge ao lado da habitação, só com uns muros, criando uma espécie de vedação, deixando os animais a descoberto.

Na última forma, surgem com o mesmo formato e estrutura, sendo o que altera é o local de implantação na casa, em vez de surgir ao lado do volume da habitação, aparece debaixo de uma das lajes do pátio, criando na mesma, a vedação, mas deixando os animais a coberto.

A nível dos sistemas construtivo: os palheiros utilizam os métodos de construção como as habitações das primeiras tipologias, visto que muitos dos palheiros encontrados hoje em dia, eram antigas habitações (tipologia base). Nos exemplos mais antigos encontrados, as paredes são todas construídas em alvenaria de pedra, e utilizavam a estrutura de madeira para a laje entre pisos e para a armação da cobertura, à semelhança do que era feito nas casas. As coberturas destes palheiros variavam entre a telha e o zinco. Sendo que o zinco é o material mais frequente, devido a ser o mais económico e/ou de mais rápida colocação. Os palheiros mais recentes já começam a ser construídos com tijolos.

B21 - ver pág. 53 segundo volume.

## Poços/Tanques de água.

Os poços<sup>B22</sup> e tanques de água, são elementos que vão aparecendo ao longo da paisagem do Curral das Freiras, muitos deles de forma escondida, quase como lagos que se erguem perto das ribeiras ou no meio do nada. Os poços são muito importantes na vida agrícola da população, sendo que muitos dos terrenos se encontram longe das ribeiras, os poços aparecem como a melhor solução para este problema aos agricultores.

Construíram-se os poços em locais estratégicos dos campos, que depois seriam abastecidos de duas formas:

-A primeira era pelo desvio da água das ribeiras, sendo conduzida da zona mais altas por levadas através dos campos até chegar ao poço; depois do enchimento estar completo, a água volta a ser desviada para a ribeira.

-O segundo método de abastecimento era feito através de nascente, pelo que a construção do poço perto de uma nascente, facilitava assim o abastecimento do mesmo, não sendo necessário a criação de levadas para o abastecer.

Estes poços foram criados por uma ou mais famílias, que necessitavam de um método constante de rega em zonas não abastecidas pela ribeira dos Pais-Queimados, por isso estes são encontrados com maior incidência na zona do Curral de Baixo e do Curral de Cima. Normalmente é criado uma espécie de calendário de utilização, onde cada família fica encarregue do poço, por um ou dois dias por semana. Esta calendarização impoem-se visto que o abastecimento total do tanque demora algumas horas até atingir a sua capacidade total.

Quanto aos sistemas construtivos, os poços são construídos de forma muito simples, sendo executado com os recursos naturais. Nos poços mais antigos a presença de pedra caiada de modo a se tornarem mais impermeáveis à água. Eram feitas as quatro paredes a volta do fosso escavado, ou levantado do terreno, não sendo usual encontrar poços completamente fechados, deixando-se sempre o “tampo” aberto.

Para poder retirar a água dos poços era feita uma abertura com cerca de 10 cm de diâmetro, que seria tapada com panos ou entulho quando fosse necessário armazenar água. Nos casos mais recentes, são encontradas recon-



Fig. 52 - Poço ergue-se ao lado da estrada.

Zona da Murteira.



Fig. 53 - Poço enterrado. Zona da Murteira.



Fig. 54 - Poço escavado. Zona do Curral de Baixo.

B22 - ver pág. 55 do segundo volume.



Fig. 55, 56 - Poço aberto e fechado. Utilizando um pedaço de pau e panos. Zona da Murteira.



Fig. 57 - Poço de água na zona da Capela.

struções, devido à destruição dos poços por derrocadas. Nestas reconstruções são frequentes a utilização de tijolo ou betão, tornando a construção mais resistentes. Foram também implantadas ferramentas de desvio e de medição do caudal de forma mecânica, modernizando este elemento agrícola.



V - O carácter agrícola da habitação: o “Dia-a-dia”

Labour is the general lot;  
But 'tis the inmate of the cot:  
To that, the toiling peasant owes  
Whate'er his passing life bestows.  
By that he gains his daily bread;  
By that his growing offspring's fed;  
And while he turns the stubborn field,  
Or does the crooked sickle yield;  
The busy daughter and the wife  
Pursue, at home, the cares of life:  
They spin the thread, and ply the reel,  
Or prepare the expected meal.  
—Welcome labour, crown'd with smiles;  
Welcome care that toil beguiles!  
Where're your lot, if such your state,  
O! Envy not the rich or great!  
If clouds deform the summer day,  
Let patience guide you on your way;  
And, grateful for the blessings sent,  
Seek peace through life, and die content.

Combe, William, 1821

Para poder retratar o dia-a-dia das pessoas, foi feita uma entrevista a um dos anciões do Curral das Freiras, com vista a recolher dados sobre o quotidiano de uma população que nos inícios do século passado, ainda se encontrava relativamente isolada, em relação ao resto da ilha.

Ao longo da entrevista que foi reproduzida na íntegra, e sem alterar o discurso oral, foi possível ouvir as diversas histórias de vida, os relatos sobre as dificuldades e batalhas que travou, durante uma vida de pobreza e necessidade, as dificuldades em sustentar os dez filhos, numa época em que o dinheiro era escasso. O relato na primeira pessoa permitiu verificar como ao longo do tempo e com muito trabalho e esforço, este residente conseguiu seguir em frente e ter uma vida melhor para ele e para a sua família. Ao longo deste capítulo irão aparecendo excertos dessa entrevista, que faz parte dos anexos, podendo ser lida na sua totalidade.

João Figueira Quintal nascido no Curral das Freiras, a 23 de Dezembro de 1932, viveu a maior parte da sua vida nesta localidade, assistiu e ajudou a criar as estradas e túneis de ligação do Curral das Freiras ao Funchal, viu as primeiras casas com luz elétrica na vila e a primeira ligação de autocarro da vila ao Funchal. Após um período de imigração dividido entre França e Venezuela, em busca de novas oportunidades regressou às origens a Curral das Freiras. João Quintal, ou como é conhecido na vila como o “foguetete”, apelido que já vem de família, viu crescer a sua vila, desde a meia dúzia de famílias da sua meninice, até à vila que hoje em dia tem uma realidade bem diferente.

Neste capítulo serão introduzidos algumas das questões colocadas ao Sr. João Quintal sobre os primeiros anos de vida, de modo a poder retratar melhor o que era o dia-a-dia da população, as produções agrícolas, a maneira de ganhar de dinheiro e o movimento de emigração e o impacto que esta teve nas novas realizações habitacionais.



Fig. 58 - João Figueira Quintal na varanda da sua habitação.

**Então como é que era a casa do avô? Era só de um quarto?**

**João Quintal:** Era de dois quartos e a empena por cima dos quartos e debaixo do zinco, um dos quartos servia como cozinha e arrumos das enxadas e foices e alimentos o outro era o quarto onde dormíamos, era uma tristeza. Assim se vivia como nosso senhor de parou, vivíamos 10 pessoas, o meu pai teve 10 filhos e só escaparam oito e fomos todos la criados debaixo daquele zinco.

(..)

A vida do meu pai foi sempre atrasada, o meu pai ganhava pouco, sendo só o dinheirinho do dia de trabalho que ele fizesse fora. Assim vivemos ate que fomos caminhando cada um para os seus lados, eu comecei a trabalhar aos 7 anos. Com essa idade já ia do Curral até a cidade (funchal) com cargas as costas e trabalhava na serra no que surgisse.



Fig. 59 - Gravura de uma família a passar a noite na habitação. (Gravura William, 1821).

## Vida dos campos

Até à pouco tempo, a população vivia calmamente no seu isolamento fora dos distúrbios da cidade, os habitantes tentavam ser autossuficientes, cultivavam os campos e pastavam o gado, de modo a ter comida para pôr na mesa, mas ao mesmo tempo, tentavam produzir a mais para poder vender na cidade. Era uma economia muito escassa, pois as pessoas ficavam dependente da qualidade e quantidade da produção, fora o pormenor que esta é uma economia demorada. Sendo uma economia baseada numa agricultura de subsistência, o lucro desse trabalho dependia da sazonalidade das colheitas.

Nas famílias era costume trabalharem todos e toda a vida na fazenda. Em dias especiais o homem da casa iria procurar pequenos trabalhos, enquanto a mulher ficava em casa a tratar dos terrenos junto aos filhos ou fazendo bordados, que depois seria vendidos na cidade aos turistas, (coisa que era pouco comum nesta freguesia). Em casos de famílias mais abastadas era possível a existência de um moço ou criada para auxiliar a família no trabalho da fazenda.

A agricultura por si só é uma arte demorada, cavar os poios, plantar as sementes, tratar e manter limpas as terras, levar os adubos (fezes) dos palheiros e chiqueiros para as terras de modo a fertilizar-las, até chegar ao produto final recolhendo os frutos do trabalho. Estes elementos todos têm semanas e as vezes



Fig. 60 - Agricultor a plantar utilizando o método dos "regos" (Mestre 2002).

meses de trabalho entre eles, sendo assim, a população não pode ficar dependente destes. Nos tempos livres da vida da fazenda a população tem que criar outras fontes de sustento, para além dos trabalhos já descritos outros irão ser retratados mais à frente. Os habitantes mantinham a criação animal, criando todo o tipo de gado desde, ovelhas, vacas, bois, cabras, porcos, galinhas, etc. A recolha e coleta de alimentos para estes, ocupavam uma boa parte do dia de trabalho.

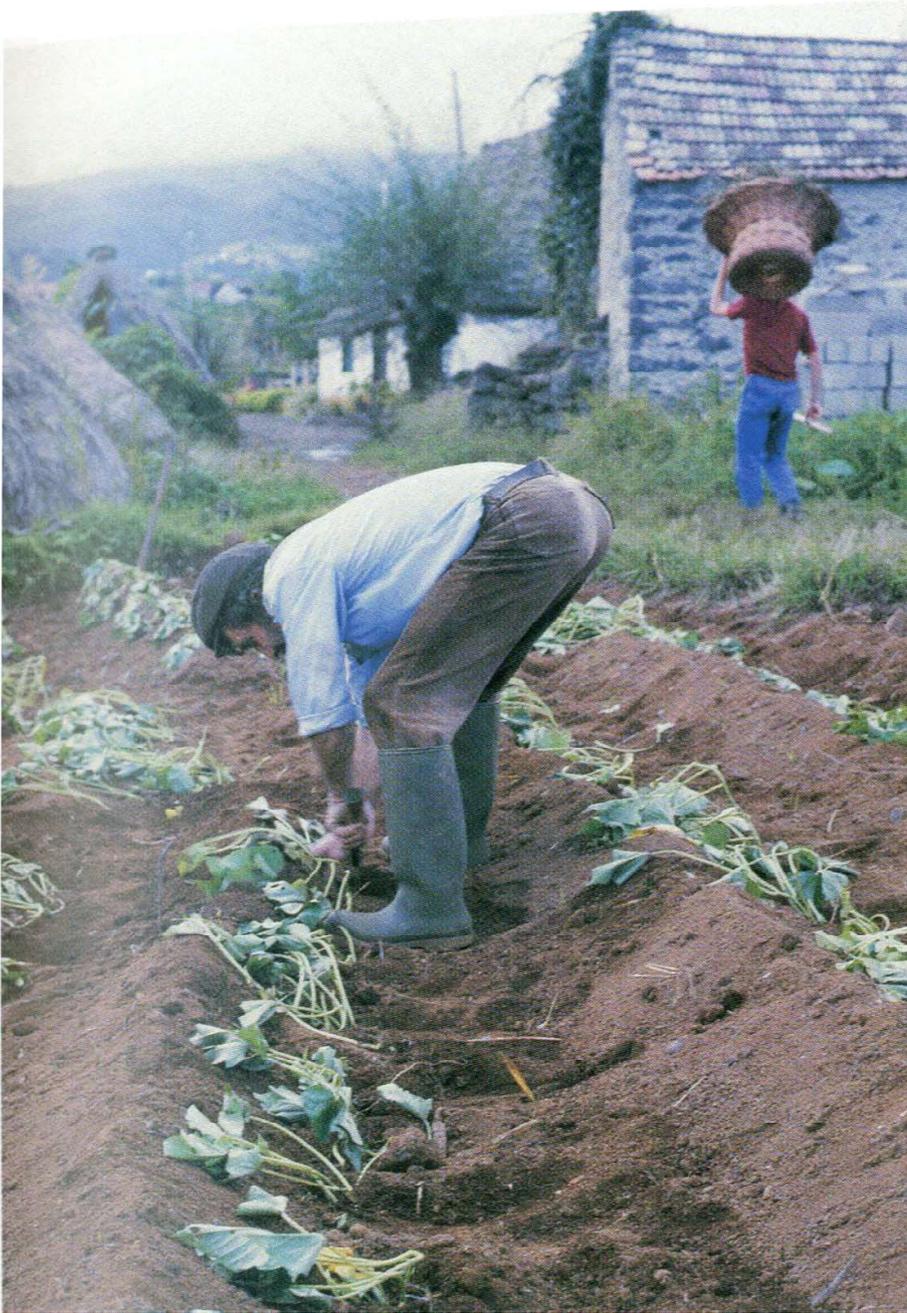


Fig 61 - Cultivo de Batata-doce (Mestre, 2002).



Fig. 62 - Terrenos agrícolas sítio da Achada Curral das Freiras.



Fig. 63 - Separação das favas e feijocas.



Fig. 64 - Senhora a alimentar as cabras depois de um dia de trabalho. Interior de um palheiro.



Fig. 65 - Plantação mista de batata-doce e milho.

## As dificuldades da população

**Como era as condições das casas? Elas não tinham água, nem luz, como é que as pessoas faziam? E quando é que se deu o seu surgimento?**

**João Quintal:** Cá água nenhuma, nos tínhamos que buscar água as poças ou levadas, íamos la com latinhas de cinco ou mais litros, a água vinha com lameiro, pois tínhamos que aproveitar a água das chuvas ou o que houvesse, depois foram surgindo as fontes que vinham com águas meia canalizada, era sempre melhor do que que a água das poças.

O dia-a-dia destas pessoas era mais atribulada na altura devido a vários fatores, tais como: dificuldades económicas, pobreza, falta de alimentos, etc. Elementos básicos como água canalizada ou a luz, só chegam muito tardiamente às habitações do Curral. A eletricidade chega à Madeira no ano 1897<sup>B23</sup>, inicialmente no Funchal, mas só chegaria a vila nos inícios do século seguinte. Contudo a luz elétrica chega ao Curral antes da finalização dos túneis de ligação entre esta e o Funchal, que tiveram a sua finalização em 1964. Antes disso, as pessoas tinham que aproveitar o dia e não perder horas de sol, pois trabalhar no escuro era muito perigoso. Quando acabava a luz do sol, as pessoas dirigiam-se a casa, onde se aproveitava a iluminação da lareira, das velas e das lanternas de petróleo ou de gorduras.

A água chega mais tardiamente à vila, a população não tinha água direta na habitação, sendo que teria que buscar a água, a vários sítios, aos poços, ou levadas e em alguns casos aos ribeiros e nascentes. A família ia toda com bacias e latas, a estas fontes de abastecimento, tornando a relação com a água muito precária, por vezes só era culmatada com a água proveniente da chuva. Os primeiros sinais de águas canalizadas são encontradas nas fontes, que vão surgindo aos poucos em locais específicos da vila, essa já era mais apropriada ao consumo, sendo trazida das nascentes. A partir destas canalizações começaram a surgir as ramificações de tubagens para as habitações.

B23 - ver pág. 7 do segundo volume.



Fig. 66 - Fonte no sítio da achada. Principais formas de obter água potável para as habitações.

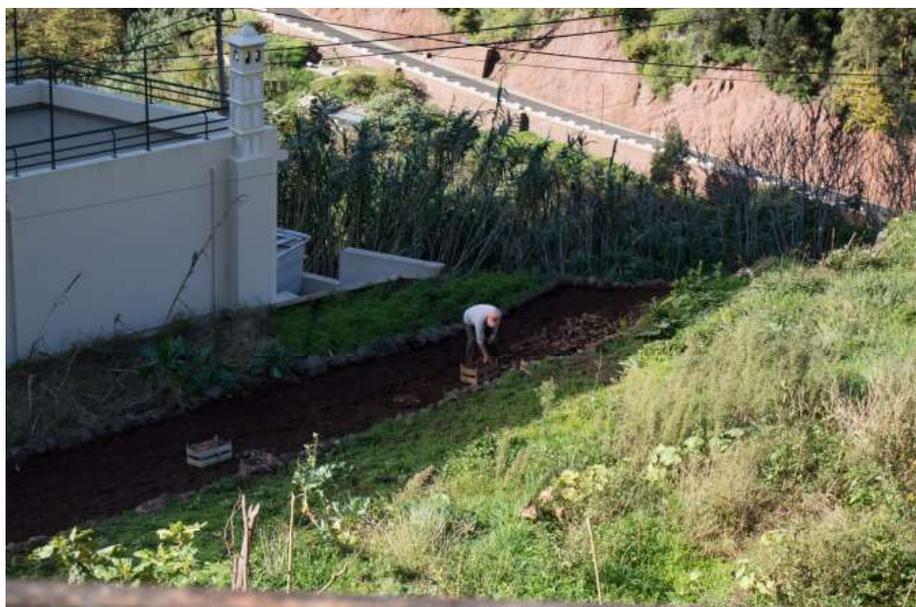


Fig. 67 - Agricultor na recolha da batata-doce.

## As famílias

### **Avô, como é que o seu pai ganhava dinheiro? Era a vender os alimentos cultivados para fora?**

**João Quintal:** Ca nada era só o dinheirinho de fora, quando alguém falasse trabalhava para outros e também foi assim como eu fui fazer os que os outros pediam por dinheiro. Fui ali para o fundo vermelho fora, apanhar erva pela rocha dentro com oito anos, aos onze anos já andava na comissão a carregar canas e varas do fundo da rocha e da aquela fazenda nos três paus.

### **Quando tinha que levar cargas ao Funchal, como era o seu dia?**

**João Quintal:** Caminhava-se as onze horas meia-noite, para chegar ao funchal as 4 da manhã, ia com uma cesta de ameixas ou outros alimentos e ficávamos no mercado até a noite a tentar vender, ia sempre com as minhas botinhas todas rotas.

A primeira vez que fui ao funchal ia mas o meu pai, eu levava um cestinho de cerejas que era para oferecer a angariação de turismo, que se encontrava a frente do comando militar.

“As famílias muito numerosas são a regra nos vilões. Quantos mais filhos se tem, mais braços há para os múltiplos trabalho que a terra exige. Uma criança de 7 anos já apanha um pouco de erva para alimentação das vacas; aos 12 anos, os rapazes vão para a serra apanhar mato, conduzem as corças ao longo dos caminhos, dão uma ajuda aos pais durante as lavras e as regas (...) Assim ajudando os adultos desde a mais tenra idade, nesta escola de rudes tarefas, vão adquirindo aquele temperamento de trabalhador resistente a tudo, que caracteriza o vilão da Madeira”, (Ribeiro,1985).

Era assim que se vivia no Curral nos séculos passados, as famílias chegavam a um grande número, com casais a ter por volta dos 10 filhos. Estes eram vistos como mais braços para o trabalho, mas por outro lado, tornavam-se em mais bocas para alimentar, fazendo com que a família continuassem na pobreza. Trabalhava-se para por o pão na mesa “literalmente”. As famílias saíam durante o dia, onde vendiam lenha, faziam trabalhos em casas alheias, procediam ao transporte de cargas de carvão, e produtos à cidade para trocas comerciais. Só com estas e outras formas de organização é que conseguiam manter um grau de sobrevivência básico, uma vez que os alimentos que estes produziam, não eram suficientes.

## O percurso até ao Funchal

**O avô quando ia ao Funchal, que caminho tomava, ia pela eira do Serrado ou pelas levadas?**

**João Quintal:** la pelas levadas fora era mais rápido demorava quatro horas de percurso, pela eira do serrado era muito mais demorado, com doze anos ia para a serra da boa aventura com um molinho de lenha, para levar a cabouqueira para vender. Uma vez cheguei a Santo António e estava la um senhor a perguntar se a lenha já estava vendida? A minha mãe disse que já estava vendida por dois testões e meio a um senhor em Santo António, se não ela vendia. Depois tínhamos que seguir caminho até São Martinho onde pagavam três testões ao quilo, faziam-se mais 1 hora de caminho só para ganhar mas meio testão.

Antes de existirem as carreiras (autocarros) ou até mesmo as estradas, a população do Curral das Freiras tinha a grande dificuldade de fazer o percurso da vila até a cidade do Funchal. Esta ligação era demasiado importante para ser deixada de parte, sendo o Funchal o centro do comércio, de toda a ilha. A população era obrigada a fazer estes percursos inúmeras vezes durante a semana. Hoje em dia são percorridos 15 km, o que leva aproximadamente 20 minutos de automóvel e 40 minutos de autocarro.



Fig. 68 - População a levar alimentos até a cidade, (Gravura William, 1821).



Fig. 69 - Vilões a carregar vinho.



Fig. 70 - Criação das estradas antigas, Vila do Curral das Freiras em plano de fundo.

## Emigração: influências na vila e na habitação

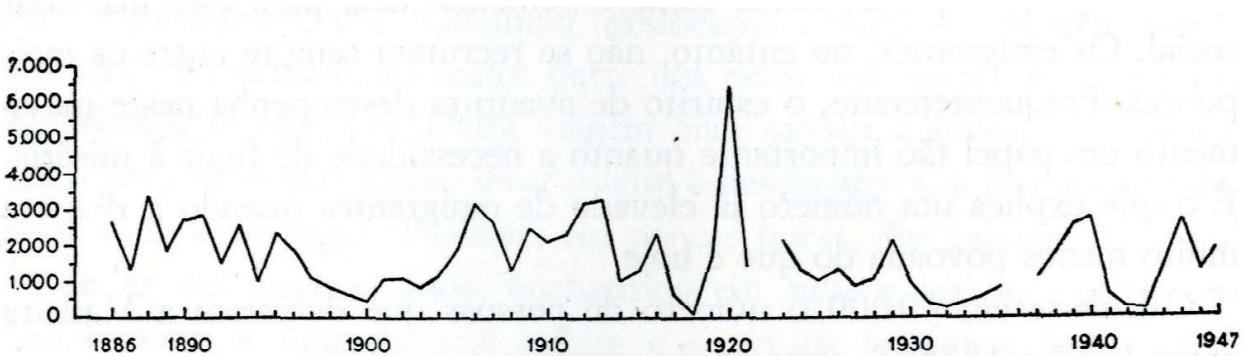


Fig. 71 - Esquema dos movimentos de emigração (Ribeiro, 1985).

### Depois de voltar de França que andou a fazer?

**João Quintal:** Cheguei da França em setembro e trabalhei os próximos três meses a ajudar a fazer uma casa já tinha algum dinheiro poupado em de França, mas sempre que aparecia algum trabalhinho o aproveitava. Trabalhei naquela noite dia e noite, começamos a fazer os alicerces aqui e ali do início ao fim, acartando cestos de terra que retirávamos do sítio. A era feita em pedra e bloques (tijolo) os alicerces era de bloques e o resto da casa era construído em pedra.

### Enquanto o avô estava em França, como era a vida da avó e dos seus filhos?

**João Quintal:** Enquanto eu estava na França a mulher ficou a tomar conta da fazenda, naquela altura já tinha muitos terrenos, tinha a ribeira do cidrão, os alecrins, os trás picos, a choupana. Ela ficou aqui a tratar da fazenda que fui comprando aos poucos e criando os oito filhos que já tínhamos, um deles com tinha apenas meses antes de eu embarcar. A mulher e os filhos trabalhavam na criação dos gados e das fazenda, produzindo assim alimentos para a família nas também para a venda e troca deles.

“A emigração aparece então como o remédio ideal para este mal-estar social. Os emigrantes, no entanto, não se recrutam sempre entre os mais pobres. Frequentemente, o espírito de aventura desempenha neste movimento um papel tão importante quanto a necessidade de fugir à miséria. É o que explica um número já elevado de emigrantes quando a ilha era muito menos povoada do que é hoje”, (Ribeiro1985).

O movimento de emigração alterou profundamente as relações sociais e a organização da população, marcando um período extenso da história da freguesia do Curral das Freiras. A saídas dos migrante reforça a ligação forte, destes, com a sua terra de nascença. Pelo que todos os frutos do trabalho obtido no estrangeiro, é aplicado como investimentos na terra natal. A maioria deste ciclo migratório incidia inicialmente na emigração dos homens, como aconteceu com o Sr. João Quintal. O apelo e ligação à terra foi o elo que manteve estes emigrantes longe das tentações de permanecer nos novos países (mais modernos e avançados) do que na pequena vila onde nasceram.

Os novos investimentos, em habitações, e na compra, ou troca de parcelas agrícolas, serviram como mola impulsionadora, a melhores infraestruturas e um aumento do nível de vida na população.

As habitações começam a sofrer as primeiras alterações das tipologias estudadas. Os elementos construtivos começam a apresentar nuances estruturais, baseadas nas vivências dos países onde estiveram e viveram, alterando radicalmente a lógica imobiliária, abandonando as estruturas primitivas e construindo novos elementos habitacionais.

O welcome! Thou refreshing guest,  
After labour, welcome rest,  
That does the wearied limbs sustain  
To renew their toil again!  
Welcome the housewife's busy cares  
Which the wholesome meal prepares,  
That for the young, the old, for all,  
Answers the universal call  
Of parent Nature, and is given  
By the bounteous will of Heaven  
Who bids the water and the field,  
In every clime, its plenty yield.  
Here labour, while with toil oppress'd,  
Sleeps till its strength'ning food is dress'd ;  
Or beads are told, in gratitude,  
To the great Author of all good—  
The silent task of pious age.  
—Thus we describe the painted page.

(William, 1821



Fig. 72 - Celeste Quintal a trabalhar no pátio da casa.

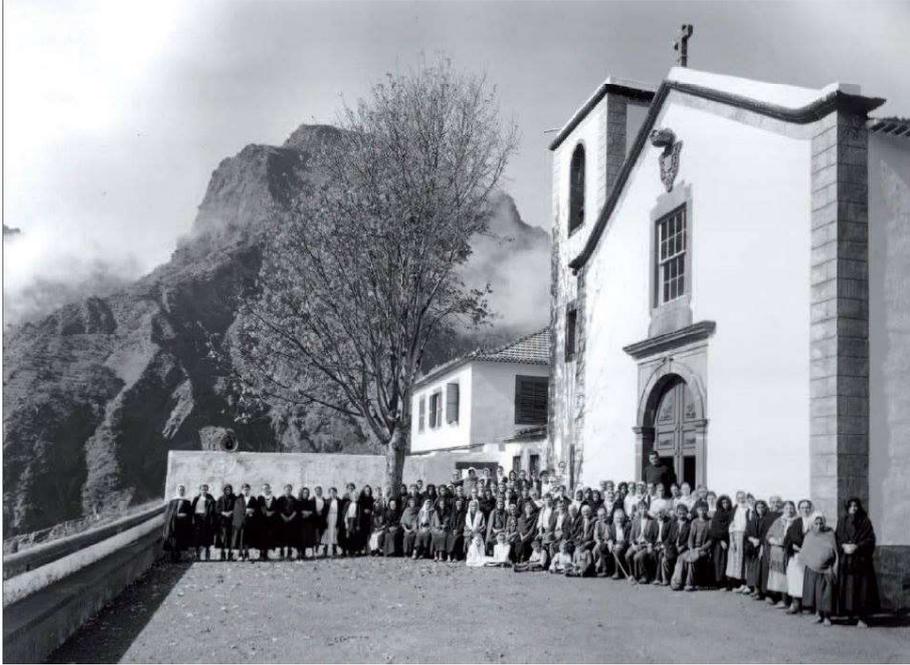


Fig. 73 - Mulheres do Curral das Freiras.



Fig. 74 - Procissão religiosa.



Fig. 75 - Decorações no sítio da Achada, nas festas do Espírito Santo.



Fig. 76 - Estado da vila nos arraiais.

## VI - Identificação das tipologias

Neste capítulo são introduzidas as diferentes tipologias<sup>B24</sup>, começando por um conjunto de habitações que remetem aos primeiros abrigos que surgiram na vila do Curral das Freiras por volta do séc. XVIII. Hoje em dia é raro encontrar uma destas casa habitadas. A escolha das tipologias teve com pano de fundo a escolha de uma porção do território do Curral das Freiras. Após a análise territorial, o espaço escolhido recaiu na zona da Achada (área central da vila e local inicial da propagação da vila) e os sítios da Murteira e Capela (zona do Curral de Baixo).

As habitações alvo de estudo foram analisadas de uma forma global tentando identificar os seus fatores fundamentais. Procedeu-se ao estudo do programa funcional de habitação, os métodos construtivos de cada habitação, e a influência da prática agrícola nestes. Da análise foi possível criar um grupo de características, que irão ser utilizadas não só, para se distinguir de outras tipologias, mas também dentro da própria.

Antes de estudar e descrever as tipologias foi realizado um reconhecimento ao território, uma vez que foi necessário perceber como é que as tipologias se implantaram ao longo deste, e qual a interação das habitações com os meios envolventes, vias, caminhos, linhas de água e poços, a uma escala mais abrangente. A partir destes desenhos foi possível perceber a propagação das diferentes tipologias, seguindo uma ordem “cronológica”. Estes desenhos são encontrados no segundo volume, nas páginas marcadas ao longo do capítulo.



Fig. 77,78,79,80,81 - Tipologias espalhadas pela freguesia.

B24 - Ver págs. 57 - 61 segundo volume.



Fig. 82,83 - Habitações da tipologia 1a. Zona da Capela e Murteira.



Fig. 84 - Habitação da tipologia 1b. Zona da Murteira.



Fig. 85 - Habitação tipologia 1c.

## Tipologia 1

A tipologia 1<sup>B25</sup> é o caso base, e é a partir desta que todas as tipologias se irão desenvolver. Esta dividida em três casos de estudo que são reconhecidos da seguinte forma:

Tipologia 1a - É a tipologia base. Esta reflete-se em todas as restantes tipologias (como será mostrado). Esta tipologia é a mais simples, com um volume de um piso, que poderia ter ou não sótão. O programa no seu interior era dividido, por uma parede de tábuas de madeira ou uma cortina de tecido.

Tipologia 1b - Esta tipologia mantém o mesmo volume, mas agora desenvolve-se em altura, passando a assumir o sótão com um piso, albergando desta forma dois pisos. Verifica-se a separação espacial da zona de dormir, da zona de habitar.

Tipologia 1c - Nesta tipologia atinge-se a capacidade máxima da habitação, passando a ter dois volumes em vez de um. Existindo uma melhor divisão do programa, separando o “lar”, ou seja, a zona da lareira da cozinha, do resto da habitação.

A evolução desta tipologia ganha a privacidade de alguns espaços. A evolução permitiu a separação da cozinha do resto da casa. Esta nova lógica permitiu a distinção de espaços por utilização.

Esta tipologia detém a maior taxa de abandono. A despromoção destes espaços a palheiros, anexos ou prolongamentos da casa (cozinha e lojas) é uma realidade nas novas tipologias.

B25 - Ver pág. 63-67 segundo volume.

## Tipologia 2

A tipologia 2<sup>B26</sup> é dividida em dois exemplos tipologia 2a e tipologia 2b. Estas estruturas começam-se a desenvolver em comprimento, ao contrário da tipologia 1 (em que a habitação se desenvolve em corte ou na multiplicação dos seus volumes). Esta tipologia passa a ser um aglomerado de tipologias 1, utilizando o modelo base da tipologia 1a, e agrupando estes lado a lado, até ter a dimensão da casa e os compartimentos desejados.

- Na tipologia 2a - Mantem-se a cobertura inclinada, existindo a rentabilização do espaço aéreo, obtendo um piso a mais, por aproveitamento do sótão.

- Na tipologia 2b - Existe uma cobertura percorrível, que surge como prolongamento do terreno. Em alguns casos a cozinha surge como volume separado, aparecendo junto ao volume principal, mas com características diferentes, sendo rapidamente distinguível.

Outra das características desta tipologia é o tratamento do pátio. Este começa a ser mais definido e exclusivo aos moradores. A redefinição deste espaço segue a lógica da criação/ampliação da área de descanso, inserindo uma zona de bancos. Esta alteração que funciona como “sala” da casa, tem um impacto sobre a vida social e hábitos de descanso da família. Estes pátios tem grande exposição solar e uma relação direta com os terrenos da família em torno da casa.



Fig. 86,87,88,89 - Habitações da tipologia

1a. Zona da Achada.



Fig. 90 - Habitação da tipologia 2b. Zona da

Murteira.

B26 - Ver pág. 69 - 73 do segundo volume.



Fig. 91,92,93 - Habitação da tipologia 3a.

Zona da Achada.



Fig. 94 - Habitação da tipologia 3b.

### Tipologia 3

Na tipologia 3<sup>B27</sup> a casa começa a desenvolver-se tanto em corte, como em planta, ao contrário das tipologias anteriores, que se desenvolviam de uma só maneira. Como é visível nos exemplos, a tipologia 1 continua presente e de forma muito marcante nesta tipologia, continuando a usar o modelo base, mas neste caso usando a tipologia 1b e aglomerando-a lado a lado, para realizar a forma desejada. Esta tipologia é dividida em dois exemplos essenciais:

- Na tipologia 3a - A casa possui dois pisos com acesso pela retaguarda. Nesta habitação o pátio é multiplicado obtendo um pátio frontal que serve de apoio para as lojas e lagar, e um segundo pátio na retaguarda, num nível superior que serve de entrada às áreas lazer da habitação (como quartos e sala).
- Na tipologia 3b - A casa tem uma varanda frontal que marca a diferença. A construção da varanda na habitação, altera a lógica de acesso à mesma. As entradas das divisões estão todas colocadas na parte frontal da casa.

É com o surgimento desta tipologia que se dá transferência das famílias, e o abandono de tipologias elementares, que foram reconvertidas em estruturas de apoio à criação de animais. Esta reconversão e aproveitamento, veio criar espaços de exploração zootécnica como os palheiros ou chiqueiros.

É usual verificar que muitos dos palheiros existentes ao longo do Curral das Freiras, são tipologias 1, que foram abandonadas pelos proprietários ao longo do tempo, e que se estabeleceram em novas instalações.

É a partir das tipologias 2 e 3 que começamos a encontrar diferentes soluções, quanto aos métodos construtivos nas habitações. Inicialmente as casas eram construídas com a matéria encontrada no local, essencialmente a pedra e a madeira. Só por volta do séc. XX é que começamos a ver a entrada de betão não estrutural, que consistia em massa com pedras de média dimensão para substituir a alvenaria de pedra. O tijolo, começa a ser utilizado também em muitas habitações. Outra solução mais escassa, mas também encontrada, são as paredes em tabique, usando ripados de madeira ou as próprias canas cultivadas pelos proprietários, com acabamentos em cal.

B27 - Ver pág. 75 - 79 segundo volume.



Fig. 95 - Construção em alvenaria de pedra.



Fig. 96 - Construção em alvenaria de tijolo de betão.



Fig. 97, 98 - Construção em tabique com acabamento em cal.

## Tipologia 4

A tipologia 4<sup>B28</sup> é basicamente um agrupamento dos casos de estudo encontrados na tipologia 3 e alguns casos da tipologia 2, fazendo a análise aos seus momentos de entrada e localização dos seus pátios. Como foi mostrado anteriormente, o pátio cumpre uma função muito importante na habitação. Nos casos de estudo avaliados, podemos verificar que existem três localizações para os aídos nas habitações, e que a localização destes, promovem diferentes tipos de interações com a habitação.

- Na tipologia 4a - Quando o pátio da habitação se encontra situado na frente da casa, faz com que todas as entradas da habitação estejam situadas na zona frontal, originando que a traseira da casa, mantenham o seu alçado cego. Na maioria dos casos são criadas algumas aberturas nas laterais, para entradas de luz. Este aído frontal é repetido no piso superior, através da varanda.

- Na tipologia 4b - Quando o pátio se localiza nas traseiras da habitação este cria dois momentos de entrada e de interação com o terreno. Sendo assim, as entradas da habitação passam a ser localizadas na parte frontal do piso inferior e as entradas do piso superior são efetuadas pela retaguarda. São criados assim dois aídos, porém só o pátio das traseiras é que assume este papel de “sala exterior”, enquanto o pátio frontal é um mero corredor de acesso.

- Na tipologia 4c - Quando o pátio se localiza na lateral da casa, volta a criar dois momentos de entrada nas habitações. O acesso ao piso inferior é feito pelas entradas frontais, enquanto que o acesso ao piso superior é feito através do pátio lateral. Esta entrada lateral cria uma diferenciação com a criação de um compartimento interno designado de corredor, que altera a lógica de acessibilidade ao exterior.



Fig. 99 - Habitação tipologia 4a. Zona da Murteira.



Fig. 100 - Habitação tipologia 4b. Zona da Achada.



Fig. 101 - Habitação tipologia 4c. Zona da Achada.

B28 - Ver pág 81 - 85 do segundo volume.



Fig. 102 - Habitação tipologia 4a. Zona da Murteira.



Fig. 103,104 - Habitação da tipologia 4b. Zona da Achada.

## Tipologia 5

A tipologia 5<sup>B29</sup> surge como um estudo de certos volumes e programa da casa das tipologias anteriores, essencialmente no que toca à área da cozinha, arrumos, wc. Nesta tipologia há um factor de diferenciação quanto ao posicionamento espacial dos volumes, podendo assim discriminar dois casos:

- Na tipologia 5a - Este segundo volume surge agregado ao volume principal, podendo existir uma ligação interna ou não, dependo do programa que este alberga, e da necessidade da interligação destes espaços.

- Na tipologia 5b - Este segundo volume surge desagregado do objeto principal. Estes casos surgem de prolongamentos de tipologias antigas ou da vontade do proprietário de separar certa parte do programa. Era costume o abandono destes volumes antigos, devido a sua localização ou estado, mas em outros casos, eram reaproveitados de modo formar um programa na nova habitação, albergando cozinhas, wc, palheiros, lojas. Esta reprogramação convertia estas estruturas, numa nova parte da casa, assumindo novas utilidades e funções na habitação.

B29 - Ver pág 87 - 95 do segundo volume.



## VII - Os casos de estudo

De modo a poder perceber melhor as diferentes habitações populares agrícolas do Curral das Freiras, foram escolhidos alguns casos de estudo, cuja localização varia entre o sítio da Achada e o sítio da Murteira. Estas casas foram estudadas a fundo, tentando perceber um pouco sobre as suas histórias, e mudanças ao longo dos tempos, até chegarem ao seu estado atual.

Foram escolhidos cinco casos de estudo, que visam abranger todas as tipologias apresentadas e que variam na localização (sendo três da zona da Murteira e duas da zona da Achada). A amostra em análise recaiu sob duas habitações da tipologia 1, uma habitação da tipologia 2 e outros dois últimos casos remetem a tipologia 3 e 4, embora o caso de estudo da tipologia 4 pode ser inserida também na tipologia 5.

A escolha da amostra teve em linha de conta abrangência, mas teve fatores externos alheios ao estudo que condicionaram as opções. Pelo que as escolhas recaíram no exemplos com maior facilidade ao seu acesso, mas também as características e programa das próprias habitações.

Quanto aos casos de estudo e o porquê da sua escolha:

O primeiro caso de estudo escolhido pertence a tipologia 1a. É um exemplar localizado na zona da Achada, e possivelmente um dos primeiros casos a surgir na vila. Atualmente encontra-se em completo abandono, após ter funcionado como palheiro. Este caso, foi escolhido devido à sua localização, que estando isolado e sem ligação direta a nenhuma estrada, é um caso perfeito para perceber a importância dos percursos pedonais, que vieram a formar a vila e que ainda prevalecem na sua maioria.

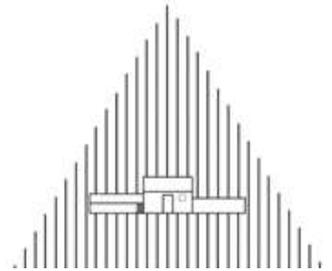
O segundo caso de estudo pertence a tipologia 1c. O exemplo selecionado encontra-se na zona da Murteira. Este exemplar foi escolhido devido ao estado em que o edifício se encontra, e à proximidade com outros dois casos de estudo. No seu programa contém dois volumes em diferentes condições, o primeiro objeto que alberga a zona dos quartos e sala, encontra-se em ruínas, e o segundo volume onde se encontraria a cozinha e o caniço está relativamente em más condições. A diferença de condições de conservação obrigaria a ter abordagens diferenciadas.

O terceiro caso de estudo é inserida na tipologia 2a. O exemplo escolhido fica localizado na zona da Achada, a cerca de 80 metros do caso de estudo da tipologia 1a, inserindo-se nas mesmas condições de conservação. Esta habitação foi escolhida num misto de curiosidade (por comunicação oral por parte do Sr. João Quintal, da existência deste espaço isolado) e do interesse para amostra. Quanto a condição de conservação este regista um abandono moderado, sendo possível perceber como era realizadas as lajes de ambos pisos.

O quarto caso de estudo escolhido faz parte da tipologia 3b. O exemplo recaiu sobre uma habitação na zona da Murteira a 5 metros da tipologia 1c já escolhida. Ao contrário das outras opções de estudo, este é o único exemplo que se encontra habitado, sendo a casa do autor da tese. Este exemplar foi escolhido devido à proximidade do autor com a casa, imprimindo um conjunto de saberes vivenciados e numerando fatores relevantes à descrição da mesma.

O quinto caso de estudo escolhido faz parte da tipologia 4a, mas também pode ser inserida na tipologia 5a. Esta é a habitação vizinha do quarto caso de estudo (tipologia 3b), localizando-se na zona da Murteira, a 15 minutos do centro da vila. Esta habitação encontra-se igualmente ao abandono, à mais de vinte anos.

Tipologia 1a



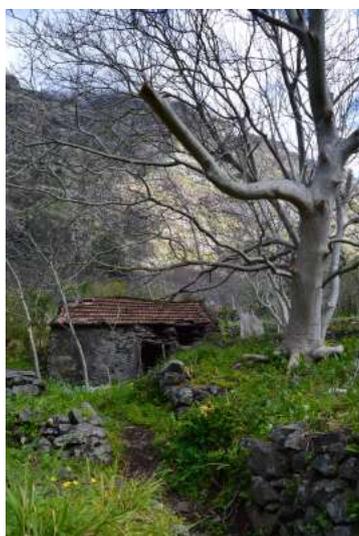


Fig. 105,106 - Caso de estudo tipologia 1a.



Fig. 107 - Nogueira.

Para estudar a primeira habitação foi escolhido um dos exemplos que faz parte da tipologia 1a<sup>B30</sup>. Este caso de estudo é possível que se insira nas primeiras habitações criadas na vila, surgindo por volta do séc. XV a XVI. Estas casas eram construídas em pedra, (tal e qual como são encontradas hoje em dia), com uma ligeira mudança nas coberturas, que inicialmente eram feitas em palha, tendo sido introduzido o zinco e telha, em fases posteriores.

A tipologia 1a é uma habitação de volume único que surgiu inicialmente no centro da vila ao longo das zonas ricas em campos agrícolas, “poios”. O programa da casa era muito simples, estando confinado por um quarto, sala e cozinha. Estes programas encontravam-se separados por uma cortina ou uma parede feita de tábuas de madeira. A sala e a cozinha encontravam-se no mesmo espaço, que poderiam ter ainda um piso superior, que servia como loja ou despesa da habitação. Este caso de estudo é um bom exemplo das primeiras habitações que surgiram na vila. Localiza-se na periferia, logo à entrada da vila e numa das maiores áreas agrícolas do centro. É uma habitação isolada, sem acesso direto às estradas, estando a 108 metros da via principal.

A sua localização<sup>B31</sup> situa-se a 10 m do caminho pedonal mais próximo e com uma área agrícola de aproximadamente 320 m<sup>2</sup> em socalcos. Este território é abastecido por levadas que transportam a água desde a ribeira dos Pais Queimados.

No ponto de vista agrícola este terreno detém implantadas diversas árvores de grande porte, como nogueiras e castanheiros (existindo cinco nogueiras, sendo que três têm cerca de 2 a 3 metros de altura e as outras cerca de 10 a 15 metros).

Este tipo de habitações foram abandonadas devido ao seu isolamento em relação ao centro, passando assim a serem utilizadas como palheiros, sendo o caso desta. As famílias mudaram-se para mais perto das estradas, com a finalidade de ter maior acesso às acessibilidades e conforto, fruto de melhores recursos financeiros. Hoje em dia, estas habitações encontram-se em estado de abandono.

B30 - Ver pág 97 do segundo volume.

B31 - Ver pág. 99 do segundo volume, esquema de implantação.

A tipologia 1a tem um programa<sup>B32</sup> pequeno que se divide em dois compartimentos, um para “o dormir” e outro para “o estar”. Este inclui igualmente um compartimento para o quarto e outro para a sala e cozinha, sendo que se encontravam no mesmo piso.

Quanto ao programa, o pátio é o ponto principal da habitação, para além de ser o ponto de conexão da casa com os campos, serve como prolongamento da sala. Neste caso, existe um recanto ao lado da casa que funcionava como uma pequena zona animal. O quarto funcionava como zona de dormir de toda a família. A sala e cozinha não tinha função concreta. A zona da cozinha era definida por duas pedras e uma grelha que fazia de lareira para cozinhar, surgindo desta forma a expressão “fogo entre pedras”. A sala não teria nenhum mobiliário específico, podendo servir como zona de despesa ou arrumos para a casa.

Durante o dia, o pátio era o motor central da vida da casa, sendo o local onde a família se reunia depois das aulas ou dos trabalhos do campo, já que o espaço da casa era limitado. Este local funcionava como área social, muitas vezes vistas como “sala”. Aproveitando a ligação com a fazenda à volta, tornava o pátio um prolongamento da zona de trabalho. Durante a noite, a família recolhia-se para o interior da casa, juntando-se à volta da lareira e aproveitando o calor do forno, visto que estas habitações não tinham nenhum tipo de isolamento, para além desta fonte de calor.

A casa em estudo foi transformada num palheiro, aproveitando a forma do edifício, e rentabilizando os dois pisos. No piso inferior foi feito um comedouro, local onde se coloca o “alimento” para os animais. O piso superior destinava-se ao armazenamento dos alimentos em reserva, e era habitual acomodar as ferramentas e utensílios da fazenda, para evitar o transporte das mesmas, inúmeras vezes, entre o campo e a habitação.

Ao nível construtivo<sup>B33</sup> esta habitação era feita com os materiais encontrados na terra. A alvenaria de pedra para as paredes exteriores e madeira para a estrutura da cobertura, piso intermédio, e muitas vezes utilizada para pavimentos e portas. Desta forma foram construídas as primeiras casas simples e precárias, com os poucos recursos obtidos pela população, naquelas épocas.

B32 - ver pág. 101 do segundo volume.

B33 - Ver pág. 99 do segundo volume.

Levantamento da tipologia das páginas

103 a 113, do segundo volume.



Tipologia 1c

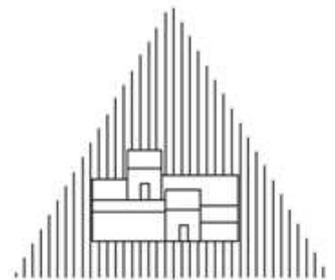




Fig. 108,109,110,111,112 - Habitação da tipologia 1c.

Na tipologia 1c foi escolhida o caso de estudo que se localiza no sítio da Murteira<sup>B34</sup>. O caso de estudo desta tipologia data do final do séc. XVIII e inícios do séc. XIX. Tendo evoluído para uma estrutura de dois volumes separados cuja forma podia variar entre os casos de estudo das tipologias 1a e 1b. Ainda hoje é possível encontrar este tipo de casas habitadas, ou com marcas de terem sido habitadas, nos últimos 40 anos. Todavia mesmo após o aumento da área de construção, o programa continuava reduzido, obtendo os mesmos espaços da tipologia 1a, variando apenas a área útil de cada um deles. O programa passa a ser dividido num primeiro volume, onde se localiza as zonas de estar e de dormir, e num segundo volume, onde se encontravam a cozinha e a loja.

A localização da habitação situa-se<sup>B35</sup>, a vinte minutos a pé do centro da vila, e é rodeada por uma grande área de terrenos agrícolas e algumas habitações. Esta encontra-se um pouco afastada das vias de acesso principal, mais concretamente a 16 metros, sendo impossível aceder de carro. Desta forma, o acesso a esta, era por via de um caminho pedonal secundário, que se localizava entre os dois volumes da habitação. A 45 metros de distância, encontramos um dos caminhos pedonais iniciais da vila, que faz a ligação entre a Achada e o Curral de Baixo.

Esta habitação encontra-se hoje em dia abandonada, conseguindo-se identificar o volume principal (em completa ruína), estando apenas, em pé as paredes do primeiro piso e o remate inicial do segundo. Encontra-se também visíveis as aberturas nas paredes, onde se colocavam as vigas que sustentavam o primeiro piso. No segundo volume, encontram-se algumas paredes que ao longo do tempo se desmoronaram e levaram à queda da laje intermédia. Esta era construída com canas para poder formar o caniço, por cima da cozinha. A habitação encontra-se rodeada pelo seu terreno agrícola, tendo uma área abrangente de 215 m<sup>2</sup>. Este terreno agrícola é abastecido por duas poças de água, ao contrário do caso de estudo 1a, em que o sistema de rega era feito por aluguer de água, que vinham da ribeira dos Pais Queimados.

B34 - Ver pág. 115 do segundo volume.

B35 - Ver pág. 117 do segundo volume.

A tipologia 1c é a maior das tipologias no que toca ao programa<sup>B36</sup>. Este divide-se em dois volumes separados e passando a ter a cozinha, ou “o fumo”, isolado da zona de estar.

No primeiro volume encontra-se a sala e o quarto. Começando a surgir um espaço para receber visitas, sendo a sala utilizada essencialmente para tal. Quando a família era muito numerosa, este espaço tornava-se o quarto principal, reafetando o piso de cima, para o quarto das crianças. Entre os volumes surgia um caminho pedonal que os separava. Os objetos eram interligados por uma escadaria exterior que fazia a ligação entre os pisos do primeiro volume, mas também o acesso aos campos agrícolas, sendo a conexão entre os dois volumes.

No segundo volume encontra-se a cozinha e o caniço. A cozinha começa a ter um espaço para si, sendo isolada do resto da habitação. Nesta época existiam várias maneiras de fazer o “fogão” da casa. Este podia ser um buraco escavado numa pedra ou uma grelha metálica entre pedras. Nos finais do século XX constroem-se uma espécie de estrutura que se elevava do chão. A cozinha funcionava, também, como despensa e loja, onde se armazenavam as ferramentas da fazenda, pipas e até os alimentos produzidos na terra. Esta podia ainda acumular as funções de sala de jantar, em dias chuvosos, caso contrário as refeições eram feitas no pátio, devido ao facto de ser o espaço mais amplo da habitação.

O pátio deste caso de estudo continua a ser o ponto central da casa, para além de fazer as ligações entre as diferentes partes, sendo a “sala” da habitação. A sua localização é em frente do volume principal, sendo um prolongamento deste. O lagar encontra-se igualmente naquele local.

A nível construtivo<sup>B37</sup> a habitação continua a ser construída em alvenaria de pedra. Cada volume tem tratamentos diferentes, podendo-se encontrar marcas de reboco no volume da sala, enquanto na cozinha, não se identificam quaisquer marcas, a não ser uma zona mais escura nas paredes, devido à elevada exposição de fumo. A estrutura das coberturas, do piso da sala e da laje entre os pisos era feita em madeira, embora na cozinha, esta laje fosse de canas pregadas às vigas, fazendo um solo rígido onde se conseguia andar, mas ao mesmo tempo permitia a passagem do fumo, para a secagem dos alimentos, como já fora referido anteriormente.

Neste tipos de tipologia era possível encontrar escadas interiores em estilo de alçapão, podendo estabelecer-se uma ligação entre pisos, de forma interna, mas não ocupando demasiado área. No piso superior podia ainda ser fechada esta abertura, obtendo uma superfície total de utilização.

B37 - ver pág. 117 do segundo volume.

Levantamento da tipologia nas páginas

121 a 135, do segundo volume.

Tipologia 2a

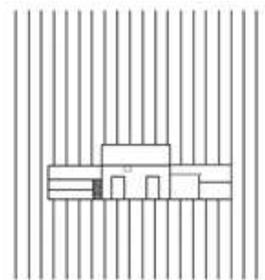




Fig. 113,114,115,116 - Fotos do caso de estudo 2a.

O próximo caso a ser analisado pertence à tipologia 2a<sup>B38</sup>. Nestas habitações abandona-se o volume único que constituía a tipologia 1, e a habitação começa a evoluir no comprimento da sua planta, e não em altura. Os primeiros exemplos podem ter surgido no Curral das Freiras nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, ou mesmo ainda em finais do séc. XVIII, em famílias mais abastadas.

A casa encontra-se num aglomerado de zonas agrícolas localizada na zona da Achada, a 80 metros da tipologia 1a. Esta habitação está um pouco isolada das principais vias de acesso. A habitação não tem ligação direta à estrada, localizando-se a 52 metros da estrada principal, e a 206 metros da via secundária, podendo-se aceder a esta, apenas através de um caminho pedonal, que se encontra na retaguarda da casa. Este caminho não é direto e passa pelo meio de campos, impossibilitando o acesso automóvel à habitação. Este caso é composto por dois volumes unidos. O primeiro volume é detém dois pisos, sendo que no rés-do-chão se destinava à sala e ao quarto principal. No segundo piso encontrava-se o que seria o quarto das crianças. O segundo volume receberia a cozinha.

Esta habitação encontra-se, hoje em dia, abandonada e em degradação. A sua estrutura principal mantêm-se firme, sendo que só as lajes e coberturas, se encontram caídas. Graças à degradação da casa, e a desagregação dos materiais utilizados, consegue-se distinguir as diferentes épocas de construção, e ampliações, concluindo que esta, pode ter sido alterada ao longo dos tempos, desde a sua fase inicial.

Ao nível de implantação, a habitação encontra-se rodeada pelo seu terreno agrícola numa área de 351 m<sup>2</sup>. Estes poios são abastecidos da mesma forma que o caso de estudo 1a, sendo os seus campos regados a partir da água trazida pelas levadas da ribeira dos Pais Queimados e distribuídas pelo levadeiro. No ponto de vista agrícola este terreno detém implantadas árvores de grande porte, como nogueiras, contabilizando-se pelo menos mais de oito árvores, que rondam os 15 metros de altura e detém grandes copas, que criam uma grande área de sombra na habitação.

B38 - Ver pág. 137 - 139 do segundo volume.

A tipologia 2a distribui o programa<sup>B39</sup> na horizontal, agregando tipologias 1a, uma ao lado da outra. À semelhança dos casos anteriores, continua-se a ter a cozinha num volume a parte do resto da casa. O programa principal é assente no primeiro piso.

No volume principal encontra-se o quarto e a sala que estão viradas para o pátio. Sendo que o quarto principal continua a ser o local de dormida dos donos da casa. A sala continua a ser o local para receber visitas, contudo, neste caso devido à dimensão da cozinha, pode-se tornar o local das refeições. Ainda no rés-do-chão o pátio faz a ligação à cozinha e à zona de exploração animal.

A cozinha é de pequena dimensão e continua a usar-se o fogão no chão. Neste caso pode-se encontrar o caniço, utilizado para secar os alimentos, visto que a habitação fica numa zona de nogueiras.

Pela primeira vez é estudada uma habitação que faz a inclusão de uma parte destinada aos animais, tendo um chiqueiro de três secções, nestes compartimentos era habitual a presença de porcos e ovelhas, mas poderiam albergar também uma vaca, contudo o espaço era bastante reduzido. No último compartimento encontrava-se uma parte aberta, que servia para armazenar os alimentos dos animais, que eram colhidos em culturas sazonais.

No piso superior temos o sótão de planta aberta, sendo este espaço destinado ao quarto das crianças. Este é um local fechado, só com duas portas, uma em cada alçado e uma pequena janela. Este espaço só podia ser acedido pelo exterior, e por essas portas, não tendo nenhuma ligação interna entre pisos.

O pátio como em todas as tipologias é uma parte crucial do projeto, sendo que neste caso divide-se em duas partes. Numa temos o prolongamento da sala, aido com banco, mais fechado e com carácter de sala, enquanto que na segunda parte este funciona como ligação à cozinha e à zona animal.

A zona animal surge também como um prolongamento do pátio e como apoio à fazenda.

A nível construtivo<sup>B40</sup> o edifício continua a ser essencialmente em alvenaria de pedra, com exceção de algumas partes da habitação, que foram feitas após a primeira construção da habitação. Ao analisarmos o volume principal, ele é todo em alvenaria de pedra, tirando o piso superior, onde se pode ver o remate entre a pedra e a massa de betão não estrutural. A zona da cozinha e na zona animal, eram feitas com tijolo de betão e aproveitando o muro do poio que faz a retaguarda destas zonas.

B39 - Ver pág. 141 do segundo volume.

B40 - ver pág. 137 do segundo volume.

Nível construtivo.

Levantamento da tipologia vai desde a página 143 a 151, do segundo volume.



Tipologia 3b





Fig. 117,118,119 - Fotos do caso de estudo 3b.

B41 - Ver pág. 153 do segundo volume.

B42 - Ver pág. 155 do segundo volume.

Esquema de implantação.

Este caso de estudo<sup>B41</sup> foi escolhido para retratar a tipologia 3b devido à proximidade do autor com esta (casa de família). Sendo uma habitação com cariz agrícola, trabalhando-se o edifício em planta, mas também em corte, multiplicando as tipologias 1b, uma ao lado da outra, formando a tipologia 3. Esta tipologia surge por volta do séc. XX, no caso em questão, a casa foi construída entre 1970/1980. Hoje em dia, esta habitação é habitada, detendo as condições básicas necessárias para a sua ocupação. Os casos encontrados em abandono, devem-se ao facto da morte dos seus proprietários ou a imigração destes.

Esta habitação inicialmente não tinha as atuais dimensões, e no decorrer dos tempos houve obras de ampliação, tendo sido acrescentados quatro compartimentos, que permanecem até à atualidade. Esta tipologia começou inicialmente por não incluir a casa de banho e a cozinha, no seu programa, (a razão para esta inexistência, era devido à proximidade de uma outra habitação de família, que detinha essas infraestruturas). Com a autonomização da família, surgiu a necessidade de existir a independência entre as casas, criando-se uma ampliação, que incluiu a casa de banho e a cozinha.

A sua localização na zona da Murteira<sup>B42</sup> a 20 minutos do centro da vila, em plena zona agrícola, e sem ligação direta a estrada, estando a 11 metros da via principal, separada por um grande declive. A habitação não tem uma ligação direta ao caminho pedonal existente, que faz a conexão entre o centro e a parte de baixo da vila, e que se localiza a 44 metros do edifício, pelo que o acesso à habitação se estabelece através de um pátio, de uma habitação vizinha.

Devido aos acabamentos do edifício é possível distinguir as duas fases da obra. Numa primeira fase encontra-se a estrutura em melhor estado, e com os acabamentos finalizados, enquanto na fase mais tardia, esta encontra-se com acabamentos por concluir. É possível distinguir igualmente as fases de conclusão da cobertura, pelas suas diferentes formas e materiais utilizados.

O terreno agrícola da habitação ao contrário dos outros casos estudados tem o seu terreno partilhado com a casa do lado, pertencente ao patriarca da família. No total a propriedade tem uma área de aproximadamente 1380 m<sup>2</sup>. Estas parcelas são abastecidas por dois tanques de água, sendo que a poça principal, foi construída pela família para não ser dependente de outros poços da vila. Estes tanques são abastecidos pelas ribeiras e nascente, podendo ser utilizados a qualquer altura do ano.

A tipologia 3b foi a primeira das tipologias que criou a varanda na habitação, conseguindo assim localizar as entradas na parte frontal da casa, de modo a obter um alçado cego na retaguarda, coisa que era comum nas casas da vila. Por sua vez, estas habitações encontravam-se viradas para poente, deixando o alçado nascente cego.

Quanto à organização<sup>B43</sup> desta habitação podemos destacar duas distribuições programáticas, que se distinguem segundo a época de construção das diferentes fases do caso de estudo. Na primeira fase de construção da casa o programa distribuía-se da seguinte forma:

- No piso superior localizava-se as zonas de habitar, que consistiam no quarto e na sala.
- No piso inferior era localizado a parte da casa que representava a lavoura, sendo constituída por uma loja e um lagar.

Quanto em 1986 foi feita a segunda parte da casa foram criados quatro novos compartimentos, que vêm alterar a distribuição programática da habitação. Estas alterações foram realizadas não só para receber novas infraestruturas, mas também devido ao aumento do agregado familiar.

Sendo assim a habitação passa a funcionar da seguinte forma:

- No piso superior localizam-se os quartos e a casa de banho, sendo introduzida a ligação interna entre compartimentos do mesmo piso, através de portas que passam a estabelecer uma nova relação entre compartimentos.
- No piso inferior este corredor interno não existe, visto que antigamente estes espaços destinava-se a zonas de trabalho não havendo a necessidade de uma ligação interna. Hoje em dia o piso inferior alberga a sala, a cozinha e a lavandaria. O lagar mantém-se no mesmo local devido à sua estrutura, mas passa também a cumprir a função de loja.

B43 - Ver pág. 157 do segundo volume.

O pátio continua a ser o ponto principal da casa, neste caso é duplicado através da varanda. O aido é virado para a frente da casa, na parte inferior e serve como prolongamento das zonas de trabalho e da sala. No piso superior o pátio passa a ser uma varanda, e esta funciona mais como corredor do que um pátio. Este faz a ligação exterior entre os espaços, e funciona, como um prolongamento da zona de “estar” da habitação. Neste caso, visto que tem uma cobertura plana acessível, passamos a ter três pátios na casa, em vez de um. Numa habitação como esta, com múltiplos pátios de apoio, cada um tem um determinado papel e importância. O pátio inferior serve para trabalho e como prolongamento dos compartimentos. A varanda funciona como corredor e um ponto de acesso entre os pisos. A cobertura serve como espaço de estar, mas devido a altura a que se encontra do chão, é mais utilizada para secar alimentos.

A nível construtivo<sup>B44</sup>, nesta tipologia passa-se a ter lajes rígidas ao contrário das anteriores tipologias, em que eram utilizadas lajes leves. Na primeira parte do edifício no piso inferior é utilizado o betão não estrutural, “cimento com pedras”, nas paredes interiores e exteriores do piso inferior. Na segunda fase de construção do edifício passa-se a utilizar o tijolo de betão. Este é, também, utilizado para fazer as varandas e os limites da cobertura. A estrutura da cobertura é feita em madeira, formando um sótão não habitável, que funciona como despensa da casa.

As portas começam a ter um tratamento e distinção no alçado, alcançando importância e tratamento diferenciado face à sua apresentação e função. São abandonadas as portas construídas com um conjunto de tábuas aglomeradas, passando a ser portas de madeira maciça e metálicas, em casos mais tardios. As portas dos pisos de cima passam a ter janelas no topo para deixar entrar luz natural e possuem pormenores de marcenaria, enquanto que as portas do piso inferior são elementos sem tratamento, tornando essa parte do alçado mais simples, pois representam o piso de trabalho.

B44 - ver pág. 155 do segundo volume, esquemas construtivos.

Levantamento da tipologia vai da página na 159 a 173, do segundo volume.

Tipologia 4a/5a

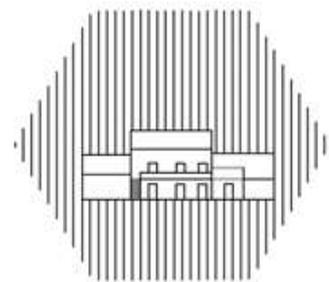




Fig. 120,121,122 - Fotos do caso de estudo da tipologia 4a/5a.

B45 - Ver pág. 175 do segundo volume.

B46 - Ver pág. 177 do segundo volume.

Este caso de estudo<sup>B45</sup> pode ser implantado em duas tipologias, na 4a e na 5a. Neste tipo de habitação estuda-se a forma do edifício, a maneira como o pátio surge e a sua influência no que toca à distribuição do programa na casa. Esta habitação tem a forma da tipologia 3b, sendo que se acrescenta mais elementos ao programa.

Ao colocarmos a tipologias 1 e 2 agregadas ou juntas do volume principal, como acontecia na tipologia 1c, consegue-se distinguir as duas partes do edifício. Os volumes desta tipologia começam a surgir nos finais do séc.XIX e do séc.XX. Pelo que a casa começa a ser pensada numa lógica de programa e serviços.

Esta habitação foi criada por volta de 1940 e é a casa vizinha do caso de estudo da tipologia 3b, ao nível da implantação, estes dois casos invertem-se. A habitação<sup>B46</sup> não tem uma ligação direta à estrada, pois na altura em que foi criada, a via principal ainda não chegava a esta zona. A habitação foi construída ao lado do caminho pedonal que interliga o Curral de Baixo, com a zona da Achada, localizando-se a 7 metros deste. Após a criação da via principal e da habitação 3b, criou-se uma ligação à estrada, onde é necessário percorrer o pátio da casa dos filhos, para a alcançar, pois fica a 35 metros de distância. Esta habitação encontra-se na zona da Murteira a 20 minutos do centro da Achada, e situa-se numa das grandes zonas rurais do sítio da Capela, tendo uma grande proximidade com a levada de Santo António, umas das mais antigas, sendo este um percurso que interligava o Curral das Freiras, com a freguesia do Funchal.

Esta habitação foi abandonada há vinte anos, devido a motivos de saúde por parte do seus residentes. A família deslocou-se para o centro da vila, de modo a estar mais perto do posto de saúde. A casa evidência sinais de abandono e ruína, com incidência de degradação na cozinha e na casa de banho. Os vãos das portas e janelas encontram-se igualmente degradados.

Esta habitação apresenta-se rodeada de campos agrícolas, compartilhando a pose da propriedade com os proprietários da casa de caso de estudo 3b, obtendo um total de 1380 m<sup>2</sup> aproximadamente de terreno. Estas parcelas são abastecidas por dois tanques de água, sendo a poça principal criada pelo proprietário desta habitação.



Fig. 123,124 - Fotos do caso de estudo da tipologia 4a/5a

A tipologia 4a funciona na maioria do seu programa como a tipologia 3b. O seu volume principal detém a maioria das funções, sendo que neste caso de estudo a tipologia é a de maior dimensão, resultando no maior programa. Esta habitação é composta por um pátio e varanda frontal, virando assim todas as entradas da zona poente do edifício, de modo a obter um alçado cego.

O programa<sup>B47</sup> desta habitação, distribui-se por dois pisos, separando a parte laboral, da parte de “estar”. Esta separação, é feita através da união dos espaços por corredores, estabelecendo relações entre as zonas de estar e de dormir, e isolando os espaços de lavoura, não obtendo destes, uma ligação interna com os restantes compartimentos.

Entrando na casa no piso inferior, observa-se duas diferenças programáticas. Encontra-se a loja e o quarto do empregado que representam a parte de lavoura. Na loja armazenava-se os alimentos, as ferramentas de trabalho e as pipas. O quarto do empregado, também poderia ser utilizado pela família, em situações, em que a família fosse muito numerosa. No resto do piso encontrava-se a sala de jantar, a cozinha e a casa de banho, sendo que estavam interligados por um corredor interno, podendo fazer o acesso entre divisões, tanto pelo interior, como pelo exterior através do pátio. Pela primeira vez começa-se a ter um espaço destinado às refeições virado para o aido. Este espaço era caracterizado por ser simples, com uma mesa e cadeiras, sem outros elementos decorativos de relévancia.

No piso superior virado para a varanda, encontravam-se os espaços de dormir e uma sala. Aproveitando a vista desafogada e separada dos campos, surgem os espaços destinados ao “estar” e ao descanso. A sala começa a ser mais cuidada obtendo distinção face ao resto da casa, tendo um tipo de teto diferente da zona dos quartos, desta forma, continua a ser um espaço para receber visitas, mas também começa a ser um local de encontro e descanso da família. Nesta habitação encontra-se um sótão com acesso por uma pequena abertura no teto de um dos quartos, este continuava a ter função só de arrumos, sendo não habitável e irregular devido à estrutura da cobertura.

O pátio nesta habitação continua a ser um local importante, mas detém menos força devido ao aumento do programa dentro da habitação no que diz respeito à inclusão da sala de jantar e da sala de estar, mas continua a servir como prolongamento dos mesmos espaços, em especial em dias de festa e na receção de muitas pessoas.

A importância do aido deve-se também pela sua proximidade com os campos e a sua grande dimensão, continuando a ser um local que serve como complemento do trabalho agrícola realizado nos campos. Este espaço é muitas vezes utilizado para colocar alimentos a secar ou reunir a família na matança do porco, entre outras atividades.

A nível construtivo<sup>B48</sup> a habitação é construída com betão não estrutural, utilizando cimento e pedras de diferentes tamanhos na realização das suas paredes e varandas, as lajes intermédias são feitas da mesma maneira, sendo só a estrutura da cobertura feita em madeira. A estrutura do caniço é de madeira com laje em canas.

Na casa distingue-se os dois tipos de portas que marcam as diferentes importâncias dos pisos. No piso superior, as portas passam a ser de alumínio com janelas, deixando entrar luz natural nas zonas de estar e de dormir. No piso inferior, as portas são de madeira simples sem nenhum tipo de arranjos de marcenaria.

B48 - Ver pág. 177 do segundo volume.

Levantamento da tipologia vai da página 181 a 199, do segundo volume.

## Parte 3 - Estratégia de intervenção



## VIII - Estratégia: Os princípios de intervenção

“A noção de paisagem e a sua realidade apreendida são de facto uma invenção- um objecto cultural sedimentado, tendo a sua função própria, a de garantir permanente os quadros da percepção do tempo e do espaço. Ela foi pensada e construída como equivalente da natureza assim, graças à paisagem, teríamos um olhar verdadeiro sobre as prioridades da natureza”

Anne Cauquelin “a invenção da paisagem”

Este capítulo começa por introduzir uma lista de problemas que são encontrados ao longo da análise das habitações, e que em alguns casos se repetem em várias tipologias, outros constragimentos são individuais. Esta lista de problemas levantarão um conjunto de questões, face às quais é fundamental criar uma estratégia de intervenção, sob pena de ser perderem irremediavelmente estes elementos arquitectónicos. O enfoque em determinados pontos, onde serão propostas inúmeras estratégias, para possíveis intervenções, não só nas habitações escolhidas, mas em todo o património urbanístico que possa ainda ter recuperação. Os problemas identificados serão catalogados segundo os seguintes grupos:

- Do programa;
- Do tipo;
- Dos sistemas construtivos;
- Do lugar - Implantação;



Fig. 125 - Tipologia escolhida para introduzir os elementos da estratégia.

Para pensar a habitação quanto à sua reabilitação e recuperação é necessário repensar o seu programa desde a base, das tipologias até à mais avançada de todas. Após o estudo das tipologias e o entendimento das mesmas é indiscutível que o programa deverá assentar no reforço da necessidade de existência para além da áreas de dormitório, do wc, da cozinha com infraestruturas adequadas a função, das zonas de estar e de refeições. É preciso também repensar o programa agrícola que faz parte da habitação, este pequeno conjunto de elementos, que forma a casa agrícola, é dividido em dois grupos, quanto aos elementos dentro da habitação e os elementos fora da habitação:

Elementos dentro da habitação:

A aparência dos vãos e estilos;

Corredores, como elemento de ligação interna;

A versatilidade programática do sótão/caniço;

A existência da loja, que também pode albergar um pequeno lagar;

Elementos fora da habitação:

Os pátios que proporcionam espaços de trabalho e de estar;

Os palheiros e chiqueiros que albergam os animais;

As levadas e poças de água, que mantem viva a vida agrícola;

Os campos para a produção agrícola;

A vinha localizada no pátio ou arredores da casa;

Para isto é definido um programa base, que irá ser aplicado a todas as habitações estudadas, decidindo uma lógica de intervenção assente em princípios transversais a todas as tipologias. Esta intervenção irá variar de tipologia para tipologia, pois cada objeto de estudo difere na sua forma e no programa que pode albergar, criando uma intervenção tipo, que se adequa, segundo a forma do objeto, gerando uma nova imagem deste.

## Do programa

Os elementos que compõem a estratégia de intervenção quanto ao programa, podem ser dividido em duas partes, quando o programa se aplica ao interior da casa, ou quando o programa visa o exterior. Antes de falar destes elementos é proposto um programa base que seja idêntico em todas as tipologias, dependendo do tamanho da família, este programa pode ser adaptado.

Quando ao programa se aplica ao interior da habitação, é necessário avaliar/intervir, nas seguintes esferas:

- Programa base proposto; Wc, cozinha, um ou dois quartos, salas, de estar e de jantar;
- A loja de apoio à fazenda deve ser sempre inserida na habitação, e a sua área pode variar dependendo da necessidade desta;
- As áreas do programa podem variar em planta e em corte, não tendo que ser restringidas programa - compartimento, como nas antigas tipologias;
- O programa base que define a habitação agrícola pode ser inserido dependendo das necessidades dos futuros proprietários e da própria variação na prática agrícola da família. São mantidos de fora, o caniço, os palheiros e o lagar, pois estas infraestruturas ocupam uma certa importância e espaço na habitação, podendo ser apenas inseridas na habitação se for necessário, às famílias.
- Se a habitação já contém algum programa especial agrícola, este deve ser mantido, pelo que o espaço envolvente pode ser modificado;
- É necessário ter em conta o capítulo dos vãos, de modo a manter as características dos existentes;
- Na eventualidade de existir uma necessidade de acrescentar espaços como quartos, ou ampliar as salas, deverão ser acrescentados volumes do tipo (tipologia 1a), de modo a seguir as ideologias de implantação;
- O sótão deverá ser mantido na habitação, não tendo que estar presente em todos os momentos da habitação;

Quanto ao programa no exterior da habitação:

- Os pátios têm que ser mantidos na habitação, podendo ser acrescentado os elementos já referidos no capítulo do (programa especial);
- As habitações devem manter ou inserir vinhas e as latadas, dando continuidade ao aspeto rústico que caracteriza a imagem que a Vila tinha desde o seu início. “As casas brancas da aldeia, rodeando uma igreja, pareceram-lhe meio sufocadas pela luxúria das vinhas e dos pomares.” (Alfred Lyall)
- Os palheiros e chiqueiros podem ser inseridos na habitação se for necessário, mas seguindo as formas de implantação na habitação descritas no capítulo (palheiros e chiqueiros);
- Para manter a ideia da casa agrícola ativa é necessário promover a prática da agricultura, sendo necessário manter alguns poios cultivados;

## Do Tipo

As tipologias de habitação começam a ser alteradas durante a reabilitação, mudando-se parcialmente, principalmente os primeiros casos de estudo, cuja área é limitada, sendo necessário acrescentar programa. Desta forma existem algumas questões a ter em conta:

- Ao acrescentar programa na tipologia, ter em conta a implantação sugerida no capítulo da implantação;
- Este novo programa poderá surgir seguindo a métrica do objeto existente, não perdendo assim a imagem da habitação;
- Em caso de existir uma segunda ampliação na habitação, seguir os métodos de extensão utilizados na primeira;
- As características que fazem parte da casa inicial deverão ser mantidas no futuro, mantendo as características da tipologia;
- A altura das habitações existentes podem ser alteradas, visto que era necessário cumprir as normas e as alturas mínimas;
- Os sótãos podem ser mantidos para quartos e despensas, ou então podem ser retirados parcialmente, mas nunca elimina-lo na sua totalidade;
- As aberturas que existirem na habitação ou que venham a surgir, podem ser transformadas em janelas, restringindo as entradas da habitação, mas mantendo a aparência do alçado;
- Os elementos agrícolas e habitacionais que caracterizam a tipologia, podem ser modernizados e repensados de uma maneira contemporânea;

“The french language has provided the useful definition, thanks to the double sense of the word type. A deformation of meaning has led to the equivalence in popular language: a man = a type; and from the point that the type becomes a man, we grasp the possibility of a considerable extension of the type. Because the man-type is a complex form of a unique physical type, to which can be applied a sufficient standardization. According to the same rule one will establish for this physical type an equipment of standard habitation; doors, windows, stairs, the heights of rooms.”

Le Corbusier, 1927, retirado de Vidler, Anthony “the third typology”

## Da Implantação

Quanto à implantação é necessário ter em conta alguns elementos, caso seja necessário inserir um novo volume no edifício inicial, sendo estes:

- O novo edifício deve surgir seguindo a orientação do antigo, agregando-se a este, seguindo a direção e o alinhamento dos poios, tomando as medidas destes;
- O novo edifício pode surgir com a forma do antigo, podendo utilizar diferentes materiais para a sua construção, como meio de distinguir o edifício original do antigo.
- Este pode desenvolver-se de maneira diferente enterrando algumas partes, de modo a manter a cota original;
- Quanto à implantação do programa, é essencial a localização da loja e lagares, nos pisos inferiores da habitação, nas partes enterradas, pois estas são as zonas mais frescas da habitação, tornando-se um bom local para o armazenamento dos alimentos e das pipas do vinho;
- Em tipologias com o programa separado em dois edifícios, deve-se ter em consideração a implantação do novo edifício, de modo a poder fazer a junção entre os objetos existentes;
- Em tipologias com o programa separado em dois edifícios, com um caminho pedonal a separar os volumes, poderá surgir um novo objeto, que não interfira com o caminho pedonal e que interligue os volumes;
- Ao ser inserido o novo volume, deve-se ter em conta, que uma parte do terreno agrícola deve ser mantido intacto para a prática agrícola;
- As vinhas podem surgir ao longo do terreno, mas em casos em que as latadas e vinhas sejam poucas, estas normalmente são colocadas nas laterais ou frentes da casa, ao longo dos pátios, criando assim zonas de sombra nos dias de verão e de luz no inverno;
- Os palheiros podem surgir em três formas como estudado no capítulo (palheiros);

## Dos Sistemas construtivos

As tipologias de estudo tem inúmeros problemas a nível construtivo especialmente quantos aos aspetos térmicos e de impermeabilização do edifício. Quando o edifício for reabilitado, é necessário ter em conta estes problemas de modo a melhorar a qualidade da habitação. Neste pequeno capítulo, serão propostas soluções de reabilitação do edifício, materiais e métodos a utilizar quando for inserido um novo objeto na habitação.

Passamos a ter duas maneiras de intervenção quanto ao existente e ao novo, estas possibilidades são as seguintes:

Quanto ao existente:

- O tratamento das paredes pode ser feito de duas maneiras:

Pelo interior - aqui é criado uma nova parede, em gesso cartonado hidrófugo, com uma pequena vala no fundo, que faz a drenagem das águas de modo a poder isolar e impermeabilizar as paredes já criadas sem gastos de escavações. Por defeito, esta solução é a mais económica mas faz com que se perca um pouco da área interna;

Pelo exterior - é necessário escavar as terras à volta das paredes, de modo a fazer a impermeabilização e isolamento. Esta solução é mais dispendiosa, mas também é a mais eficaz a nível construtivo, não perdendo área interna;

- As coberturas serão construídas da maneira tradicional, utilizando a madeira como estrutura, sendo que os acabamentos podem ser em telha cerâmica ou em zinco, como eram construídos. Estas serão isoladas e impermeabilizadas melhorando as condições.

- As lajes intermédias podem ser construídas de duas maneiras:

- Em betão nos casos mais recentes;

- Em madeira como nos casos mais antigos (a não ser que a habitação a reabilitar já se encontre com lajes em betão, aconselha-se a usar as estruturas leves em madeira).

- As lajes do rés-do-chão, também podem ser feitas de duas maneiras quanto aos seus acabamentos. Primeiramente é necessário escavar, para fazer as camadas todas de limpeza, de modo a poder isolar e impermeabilizar o solo. Para que não se fure ou danifique as paredes existentes, é proposto construir, uma caixa na laje onde se irão localizar as infraestruturas da habitação, águas e luz. Os acabamentos podem ser realizados em madeira ou pedra, como acontecia antigamente.
- Ter em conta que também é necessário realizar uma drenagem perimetral da habitação, para reduzir as infiltrações, e conduzir a água para as levadas seguindo o seu rumo até as ribeiras.

Quanto ao novo edificado:

- O tratamento das paredes pode ser feito de duas maneiras:
- Se o edifício antigo não for rebocado, aconselha-se, que o edifício tenha acabamento em placas de pedra ou em betão de modo a manter uma continuidade da estética.
- Se o edifício antigo for rebocado, pode-se optar por utilizar uma construção mais tradicional, como a alvenaria de tijolo, ou então o sistema ETICS sobre um pano de tijolo, otimizando o isolamento da habitação, mantendo este contínuo;
- Na laje em contacto com o solo, aconselha-se a construção de uma laje ventilada, criando assim uma reprodução do que se fazia antigamente, ao levantar a laje do solo.

IX - Intervenção - sumarização dos princípios: O projeto

Hoje em dia o Curral das Freiras apresenta uma imagem muito diferente de há 80 anos atrás. As habitações começam a surgir o mais próximo das estradas, afastando-se das grandes zonas agrícolas. As casas apresentam grande diversidade face às habitações populares estudadas anteriormente, diferindo quanto à forma, método de implantação, sistema construtivo e programa. A população abandona a forma retangular que resultava da aglomeração das tipologias 1 (lado a lado) e começam a criar habitações de forma quadrangular. Estas novas habitações, não interligam com o território de forma tão harmoniosa, como acontecia anteriormente.

Devido a inúmeros motivos impulsionadores das mudanças como a emigração, a procura da população em aproximar-se das estradas em busca de melhores acessibilidades, bem como a ânsia de habitar “casas modernas” e dotadas de novas infraestruturas, a população abandona as tipologias antigas. Desta forma é possível identificar um grande número de habitações espalhadas pela vila, num completo estado de abandono, existindo só apenas algumas exceções em que estas continuam a ser habitadas.

Na altura de criar novas habitações a população esquece por completo as tipologias antigas, sem ter em consideração, as mesmas ou os princípios utilizados na sua criação. Sendo assim, e com esta tese pretendo despertar a curiosidade e vontade desta pequena população, para a necessidade de reabilitar estas casas, mostrando que o antigo pode interagir com o novo. O objetivo é criar uma casa que mantenha a dignidade e as características do passado, mas ao mesmo tempo trazer o conforto e a espacialidade de uma habitação moderna, utilizando os princípios de intervenção estudados.

Desta forma parte-se para o projeto. Para a realização deste, é escolhido o caso de estudo da tipologia 1a, remetendo para uma tipologia base (matriz), que deu início a todo este conjunto de habitações. Ao criar este projeto tenta-se estabelecer uma intervenção que virá a servir como exemplo. A metodologia descrita pretende realçar aspetos fundamentais das construções primitivas, para que esses elementos e técnicas possam vir a influenciar os novos processos de reabilitação urbanística. Para isto é necessário seguir o conjunto de princípios identificados anteriormente, podendo estes serem adaptados as diferentes situações de diversas formas, mas ao mesmo tempo, criando-se uma linha de continuidade nas futuras intervenções.

Esta proposta de projeto segue os princípios utilizados anteriormente, ou seja, implantação, programa, tipo e sistema construtivo, mas tendo por base uma análise do edifício antigo. Este era reduzido com uma área interna de 12 m<sup>2</sup> e de volume único, a nível de implantação, o edifício adquiria as medidas do poio no qual este se insere.

Sendo assim, o projeto pretende criar uma ligação entre o novo e o velho, uma vez que o pré-existente detém uma área reduzida, é necessário aumentar o edifício, inserindo um novo volume no terreno. A inserção deste novo elemento no terreno ao lado do existente, teria que respeitar a área e volume do pré-existente, aglomera-se lado a lado (replicando o que era realizado nas tipologias antigas). De modo a manter o corte da casa e um sótão com um pé direito habitável, é necessário aumentar a cota do objeto existente, visto que este tinha a sua cobertura desmoronada, obrigando a reformular a altura base a manter. Após a elevação da cota do edifício, a uma alteração da imagem original da tipologia, mas segue-se o modo de evolução da mesma.

Antes de falar do programa, foi necessário refletir sob a maneira como esta iria ser inserida no edifício. Antes de entrar no objeto estudou-se o exterior, a criação do pátio e a interação da habitação com as diferentes cotas do terreno. Para isso manteve-se o pátio inicial da habitação e instalou-se pequenas infraestruturas, usuais nas construções primitivas. Deste modo, inseriu-se uma zona de bancos na parte frontal da habitação, complementando o espaço com uma latada e vinha ao longo deste, proporcionando assim a imagem inicial, que os primeiros visitantes tiveram da vila. É criado um pequeno pátio na parte de trás da habitação, como forma de salientar a relação da casa com as diferentes cotas.

Quanto ao programa dentro da habitação é necessário ter em conta a localização, de certas partes do mesmo, principalmente as lojas agrícolas, que como foi visto, devem ser inseridas na parte enterrada da habitação, podendo cumprir assim as funções para as quais foram criadas. Desta forma, a loja é inserida no volume a norte da habitação, onde foram criadas várias ligações, podendo assim criar uma relação mais direta com os terrenos.

O resto do programa é inserido como antigamente, localizando as zonas de estar, sala e cozinha no piso inferior, de modo a manter uma ligação direta com os pátios. Os quartos localizam-se no piso superior separando a zona de dormir da zona de estar.

Quanto ao tipo, já foram introduzidos alguns aspetos usados, visto que o tipo da habitação é influenciado pela maneira como o edifício se implanta e o programa é inserido. Deste modo, ainda foi necessário ter em conta outros aspetos, como o sótão e as novas aberturas da habitação. O sótão é mantido na habitação, criando várias situações ao longo desta, podendo assim obter um segundo piso, sem ter que alterar demasiado a altura do edifício. A laje deste piso é aberta em certos pontos, de modo a poder entrar mais luz natural no piso inferior, mas ao mesmo tempo, criam-se relações entre os pisos, coisa que não era comum nas habitações.

Quanto às aberturas, são tomadas várias decisões ao longo do projeto. No alçado frontal, mantem-se a lógica das tipologias, criando uma abertura para cada volume, mantendo deste modo a relação da habitação, com o terreno e a importância de não ter uma entrada definida, preservando a fluidez entre a casa e o território. No alçado nascente e poente são criados pequenos rasgos e portas, que virão a realçar a relação com o território e trazer mais luz natural para dentro de casa. A maior mudança de alçado é traduzida no alçado nascente, este por norma era cego, mas neste projeto criam-se pequenas aberturas no piso superior, que vem trazer luz natural não só ao piso superior, mas também à zona de estar. É aberta uma porta de acesso entre o quarto principal e o pátio criado na retaguarda da casa.

Quanto aos sistemas construtivos<sup>B49</sup> é necessário ter em linha de conta, se a interação é com um novo edifício, ou se interage com um pré-existente.

No caso de ser um edifício existente é necessário ter em conta três aspetos: a laje enterrada, as paredes existentes e a cobertura.

As lajes do chão, não tinham nenhum tratamento especial, sendo só pedras pousada no terreno ou então era criado uma câmara de ar, onde se colocavam vigas, e acentavam as tábuas de madeira como uma laje de madeira.

Ao intervir num espaço com esta natureza deverá respeitar-se a metodologia da construção antiga, pelo que é necessário o levantamento da laje do solo, criando uma laje ventilada, onde depois será colocada uma laje de betão aligeirado, onde acentam as restantes camadas, podendo ter como acabamento dois tipos de pavimentos, lajetas de pedra na cozinha e pavimento de madeira na sala.

Quanto às paredes enterradas, no momento da construção do novo volume irá ser necessário fazer-se escavações, sendo assim, decide-se isolar e impermeabilizar as paredes pelo exterior, permitindo assim ter uma continuidade do isolamento, deixando o interior simplesmente rebocado. Com exceção de uma parede intermédia, que será deixada com a pedra à vista. Quanto às restantes paredes, estas irão ser finalizadas, com o sistema ETICS, que irá ser utilizado no volume novo. Em seguida, a construção da cobertura segue a lógica das construções antigas, mantendo a estrutura à mostra, e utilizando placas de mdf, que assentam nestas vigas, a partir de aqui são assentados os restantes materiais.

A laje intermédia é, também, criada como antigamente, deixando novamente as vigas à mostra, colocando por cima os painéis de mdf, e dois centímetros de cortiça, como forma de criar uma pequena caixa de isolamento sonoro. Por sua vez, coloca-se uma subestrutura de madeira, por cima da cortiça, que cria uma caixa-de-ar onde se irão situar as tubagens elétricas e as de águas, e finalizando assim com um ripado de madeira.

No novo volume como já referido, opta-se pelo sistema construtivo ETICS para os panos exteriores, assentando este sistema num pano de tijolo de 22 centímetros. Nas paredes enterradas é utilizado o betão, como forma de criar os muros de sustentação da terra com o isolamento pelo exterior. Deste modo, é conseguido uma casa branca com cobertura de telha.

O projeto<sup>B50</sup> resulta numa pequena habitação, cujo momento de entrada é marcado pelo pátio e as vinhas.

A entrada da casa é feita tanto pela zona da cozinha ou pela zona da sala, mantendo assim a lógica antiga, de não existir uma entrada definida.

Ao entrarmos na habitação pelo volume existente acedemos à cozinha, esta tem um pé direito duplo, que lhe confere um carácter intimista, em que é possível estabelecer um pequeno momento de relação com o piso superior. Ao atravessar a cozinha depara-se com um pequeno desvio onde se localiza um armário de arrumos e um wc de serviço. Continuando o percurso desce-se uns degraus e abandona-se o volume antigo, nesta parte do piso inferior, encontra-se uma pequena sala de jantar e sala de estar. Este espaço tem um pé direito duplo, que estabelece uma relação com o piso superior, e permite ao mesmo tempo a entrada de luz natural neste piso.

B50 - Ver pág. 203 a 223 do segundo volume.

Plantas, cortes e alçados do projeto. Da página 203 a 225 do segundo volume.

Continuando o percurso sobe-se, e aqui encontra-se um pequeno espaço ambíguo, que dá ligação ao corredor de distribuição. Inicialmente depara-se com um pequeno espaço aberto para o corredor, levantado da cota da laje, em que este pode ser encerrado por uma cortina, podendo assim este ser um pequeno quarto ou escritório. Nesta parte da habitação surge o primeiro momento em que se tem contacto com a zona nascente, criou-se portanto uma pequena abertura, de um metro ao longo do chão que insere luz natural, tanto no piso superior como no piso inferior.

No final do corredor encontra-se a casa de banho e o quarto principal, que têm ligação com um pequeno pátio criado na parte de trás da habitação.

Ainda nesta, encontra-se a loja de apoio agrícola, situada no piso inferior, sendo que esta tem diversas ligações com as cotas superiores do terreno, mantendo assim a conexão da casa com as diversas cotas.

Através destes princípios de intervenção conseguidos ao longo desta análise, criou-se este modelo exemplo, que vem dignificar uma imagem transmitida ao longo dos séculos por estas habitações. Expressando-se nos gestos, na sua implantação e na sua forma, uma harmonia entre o volume antigo e o novo edificado. O projeto tenta passar esta necessidade antiga de interligar a casa com as várias cotas do território, aproximando ao máximo à habitação, aos campos e à prática agrícola. Permite, assim, uma leitura contemporânea desta criação pelos antepassados na criação da vila do Curral das Freiras.

“Trabalhar com o terreno significa hoje, como sempre, colaborar com a sua morfologia, mas significa sobretudo utilizá-lo como matéria de composição. Matéria de composição em que este é algo mais do que um suporte. Mais do que ser a fundação, o terreno pode hoje ser parte do próprio edifício. E o edifício, mais do que um objeto pousado ou encaixado no local, com mais ou menos preocupações contextualistas, é parte desse terreno, desse local e desse contexto.”

Rodrigues, Sérgio 2013

Bibliografia.

- Antunes, Alfredo e Azevedo, António - *Arquitectura Popular em Portugal*. 3. Edição. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
- Aragão, António - *A Madeira Vista Por Estrangeiros 1455-1700*. 1. Edição. Funchal: Empresa de Artes Gráficas da Madeira, Lda, 1982.
- Branco Jorge Freitas - *Camponeses da Madeira: as bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900)*. 1. Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Combe William - "A History of Madeira. With a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the costumes, manners and occupations of the inhabitants of that island." Reino unido: Publicado por R.Ackermann, 1821.
- Dias Leite, Jerónimo - *Descobrimientos da Ilha da Madeira*. 1. Edição. Lisboa: Publicações Alfas, S.A, 1989
- Fernandes, J. e Mateus, R. - *Sustentabilidade na reabilitação urbana- O novo paradigma do mercado da construção*. 1. Edição. Ed. Autor, 2011. ISBN 9789899654327.
- Fernandes, José - *Cidades da Macaronésia*. 2 Edição. Porto: FAUP Publicações, 1996. ISBN: 972-9483-20-5.
- Mestre, Victor - *Arquitectura popular da madeira*. 1. Edição. Lisboa: Argumentum, 2002. ISBN 972-8479-13-1.
- Moutinho, Mário - *A arquitectura popular portuguesa*. 3. Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. ISBN: 972-33-1054-6.
- Ribeiro, Orlando - *A Ilha da Madeira Até Meados do Século XX*. 1. Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.
- Secretaria Regional de Economia, Direcção Regional de Agricultura- *Carta dos Solos da Ilha da Madeira*. Lisboa: Sogapal, Lda, 1992.
- Teixeira, Cláudia - *A Arquitectura Vernacular da Madeira: Tradição, identidade e sustentabilidade*. Dissertação de 2º ciclo conducente ao Grau de Mestre em Arquitectura. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.
- Vidler, Anthony - "The Third Typology" (oppositions 7 & winter 1977); expanded in *Rational Architecture: The Reconstruction of the European City* (Brussels: Editions des Archives d'architecture modern, 1978)
- Wilhelm, Eberhard - *O Curral das Freiras- Visão de estrangeiros*. 1. Edição. Funchal: Editorial Calcamar: Lugares pitorescos 3, 1999. ISBN: 972-8545-02-9.

- Ortofotomapas fornecidos pela Direção Regional de Informação Geográfica, s.r.e.s, Dir. Reg. Ordenamento Território Ambiental;
- Cartografia base fornecida pela Câmara Municipal de Câmara de Lobos;
- [www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=220202](http://www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=220202).
- Entrevista a João Figueira Quintal e Mulher Maria Celeste de Jesus.
- <http://memoriadasgentes.blogspot.pt/2015/12/ao-fio-do-tempo.html>
- <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>.
- <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>.
- <https://www.youtube.com/watch?v=OzYqtQW7f0Q>.
- <https://www.youtube.com/watch?v=NzYPhQ5JTJE>.
- <https://pt.pinterest.com/pin/413064597043535686/>; Frase do Frank Lloyd wright, pág. 21



## Índice de imagens

Fig. 1 - Face do vale após um dia de chuva ( <a href="https://www.facebook.com/Junta-de-Freguesia-Curral-das-Freiras-1589413501293908/photos">https://www.facebook.com/Junta-de-Freguesia-Curral-das-Freiras-1589413501293908/photos</a> » acesso em 3 de Junho 2016).	17
Fig. 2 - Primeira habitação agrícola visitada, (casa dos pais).	18
Fig. 3 - Agricultor, palheiro e poios cultivados. ( <a href="https://www.facebook.com/Junta-de-Freguesia-Curral-das-Freiras-1589413501293908/photos">https://www.facebook.com/Junta-de-Freguesia-Curral-das-Freiras-1589413501293908/photos</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	18
Fig. 4 - João Gonçalves zarco ( <a href="http://www.panoramio.com/photo/7418342">http://www.panoramio.com/photo/7418342</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	26
Fig. 5 - Tristão Vaz Teixeira ( <a href="http://estatuasmadeirenses.blogspot.pt/2012/12/tristao-vaz-teixeira.html">http://estatuasmadeirenses.blogspot.pt/2012/12/tristao-vaz-teixeira.html</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	26
Fig. 6 - Gravura de Charles Wilkes (1798-1877) - Descent into the Curral das Freiras ( <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Curral_das_Freiras">https://en.wikipedia.org/wiki/Curral_das_Freiras</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	32
Fig. 7 - Camponesa a passear o boi, 1900. ( <a href="http://www.madeira-web.com/PagesS/madeira-old/people.html">http://www.madeira-web.com/PagesS/madeira-old/people.html</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	34
Fig. 8 - Pastor a olhar os campos finais do séc. XIX, inícios do séc.XX. Curral das Freiras.	34
Fig. 9 - Sítio da achada, inícios seculo XX. ( <a href="https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293097540727250/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293097540727250/?type=3&amp;theater</a> , acesso em 3 de Junho 2016)	35
Fig. 10 - Curral das Freiras vista do caminho das voltas. ( <a href="https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293096927393978/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293096927393978/?type=3&amp;theater</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	35
Fig. 11 - Postal do Curral das Freiras, 1810. ( <a href="https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293097664060571/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.293096887393982.63251.157553604281645/293097664060571/?type=3&amp;theater</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	36
Fig. 12 - Cama de rede era um transporte utilizado nos seculos passados. Consistia em dois homens a transportar, os turistas, numa rede. ( <a href="http://viagallica.com/madere/lang_en/village_curral_freiras.htm">http://viagallica.com/madere/lang_en/village_curral_freiras.htm</a> » acesso	37

em 3 de Junho 2016)

Fig. 13 - Caminho das levadas.	37
( <a href="https://pt.pinterest.com/pin/166773992424212141/">https://pt.pinterest.com/pin/166773992424212141/</a> acesso em 3 de Junho 2016)	
Fig. 14,15,16 - Habitações abandonadas sítios da achada. Autor	38
Fig. 17 - Habitação de costas para a estrada	42
Fig. 18 - Habitação de costas para o caminho.	42
Fig. 19 - Percurso até aos Pais Queimados	43
Fig. 20 - Metodo de desvio das águas.	43
Fig. 21 - Interação das levadas com a zona agrícola.	44
Fig. 22 - Interação das levadas com à habitação.	44
Fig. 23 - Peculiaridades da habitação agrícola.	52
Fig. 24, 25 - Janelas com mais tratamento e tapa sois. autor	53
Fig. 26 - Porta de piso superior com entrada de luz.	53
Fig. 27 - Aspeto do corredor interno.	54
Fig. 28 - Vista do outro lado do corredor.	54
Fig. 29 - Sótão em casa abandonada.	55
Fig. 30 - Escadas de acesso ao sótão, neste caso caniço.	55
Fig. 31- Entrada para o sótão através do quarto.	55
Fig. 32- Cozinha a lenha.	56
Fig. 33 - Laje do caniço em canas.	56
Fig. 34 - Laje em ripado de madeira vista do caniço.	56
Fig. 35- Imagem do “macaco” a espremer o bagaço.	57
( <a href="http://terramanhada.blogspot.pt/p/vinha.html">http://terramanhada.blogspot.pt/p/vinha.html</a> acesso em 3 de Junho 2016)	
Fig. 36 - Lagar em ruínas.	57
Fig. 37 - Tarimba rasteira.	58
Fig. 38 - Loja em habitação abandonada, armazenamento de pipas e cestos.	58
Fig. 39 - Zona de arrumos de lenha na loja.	58
Fig. 40,41 - Pátio frontal na habitação.	59
Fig. 42, 43 - Pátio na retaguarda da habitação.	59
Fig. 44, 45 - Pátio na lateral da habitação.	59
Fig. 46 - Vinhas sobre o patio, criando sombra no verão.	60
Fig. 47 - Banco continuo no pátio da habitação.	60
Fig. 48 - Tanque de água na habitação.	60
Fig. 49 - Interior do palheiro, “Comedouro” local onde se coloca os alimentos.	61
Fig. 50 - Exterior do palheiro.	61

Fig. 51 - Pequena cabrita.	61
Fig. 52 - Poço erguesse ao lado da estrada. Zona da Murteira.	62
Fig. 53 -Poço enterrado. Zona da Murteira.	62
Fig. 54 - Poço escavado. Zona do Curral de Baixo	62
Fig. 55, 56 - Poço aberto e fechado. Utilizando um pedaço de páu e panos. Zona da Murteira.	63
Fig. 57 - Poço de água na zona da Capela.	63
Fig. 58 - João Figueira quintal na varanda da sua habitação ( <a href="http://memoriadasgentes.blogspot.pt/2015/12/uma-memoria-da-festa.html">http://memoriadasgentes.blogspot.pt/2015/12/uma-memoria-da-festa.html</a> acesso em 3 de Junho 2016.)	68
Fig. 59 - Gravura de uma familia a passar a noite na habitação. (Gravura Wil- liam, 1821)	69
Fig. 60 - Agrilcutor a plantar utilizando o metodo dos “regos” (Mestre 2002)	70
Fig. 61 - Cultivo de Batata-doce (Mestre, 2002)	71
Fig. 62 - Terrenos agrícolas sitio da Achada Curral das Freiras.	72
Fig. 63 - Separação das fabas e feijocas	72
Fig. 64 - Senhora á alimentar as cabras depois de um dia de trabalho. Palheiro	73
Fig. 65 - Plantação mista de batata-doce e milho.	73
Fig. 66 - Fonte no sitio da achada. Principais formas de obter água potável para as habitações	75
Fig. 67 - Agricultor na recolha da batata-doce.	75
Fig. 68 - População a levar alimentos até a cidade, Gravura (William, 1821)	77
Fig. 69 - Vilões a carregar vinho. ( <a href="http://www.anotherurl.com/photos/family/old_hubbard/madeira/11full.asp">http://www.anotherurl.com/photos/family/old_hubbard/madeira/11full. asp</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	78
Fig. 70 - Criação das estradas antigas, Vila do Curral das Freiras em plano de fundo. ( <a href="https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152475196875769&amp;set=gm.777778632241428&amp;type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152475196875769&amp;set= gm.777778632241428&amp;type=3&amp;theater</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	78
Fig. 71 - Esquema dos movimentos de emigração (Ribeiro, 1985).	79
Fig. 72 - Celeste Quintal a trabalhar no pátio da casa.	82
Fig. 73 - Mulheres do Curral das Freiras.	83
Fig. 74 - Procissão religiosa. ( <a href="https://www.facebook.com/157553604281645/photos/a.239390816097923.53040.157553604281645/239393466097658/?-type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/157553604281645/photos /a.239390816097923.53040.157553604281645/239393466097658/?- type=3&amp;theater</a> » acesso em 3 de Junho 2016)	83

Fig. 75 - Decorações no sítio da Achada, nas festas do espirito santo. ( <a href="https://www.geocaching.com/geocache/GC41AJ9_a-castanha-do-curral?guid=210d72d1-ab6c-4a01-9320-c6d0fb2e583f">https://www.geocaching.com/geocache/GC41AJ9_a-castanha-do-curral?guid=210d72d1-ab6c-4a01-9320-c6d0fb2e583f</a> acesso em 3 de Junho 2016.)	84
Fig. 76 - Estado da vila nos arraiais. ( <a href="http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/artigo/141535-multido-j-enche-o-curral-das-freiras">http://www.netmadeira.com/noticias/madeira/artigo/141535-multido-j-enche-o-curral-das-freiras</a> acesso em 3 de Junho 2016.)	84
Fig. 77,78,79,80,81 - Tipologias espalhadas pela freguesia.	88
Fig. 82,83 - Habitações da tipologia 1a. Zona da Capela e Murteira.	89
Fig. 84 - Habitação da tipologia 1b. Zona da Murteira.	89
Fig. 85 - Habitação tipologia 1c.	89
Fig. 86,87,88,89 - Habitações da tipologia 1a. Zona da Achada.	90
Fig. 90 - Habitação da tipologia 2b. Zona da Murteira.	90
Fig. 91,92,93 - Habitação da tipologia 3a. Zona da Achada.	91
Fig. 94 - Habitação da tipologia 3b	91
Fig. 95 - Construção em alvenaria de pedra.	92
Fig. 96 - Construção em alvenaria de tijolo de betão.	92
Fig. 97, 98 - Construção em tabique com acabamento em cal.	93
Fig. 99 - Habitação tipologia 4a. Zona da Murteira.	94
Fig. 100 - Habitação tipologia 4b. Zona da Achada.	94
Fig. 101 - Habitação tipologia 4c. Zona da Achada.	94
Fig. 102 - Habitação tipologia 4a. Zona da Murteira.	95
Fig. 103,104 - Habitação da tipologia 4b. Zona da Achada.	95
Fig. 105, 106 - Caso de estudo tipologia 1a.	101
Fig. 107 - Nogueira. ( <a href="http://www.montroyalhardwood.com/walnut.htm">http://www.montroyalhardwood.com/walnut.htm</a> acesso em 3 de Junho 2016)	101
Fig. 108,109,110,111,112 - Habitação da tipologia 1c.	105
Fig. 113,114,115,116 - Fotos do caso de estudo 2a.	109
Fig. 117,118,119 - Fotos do caso de estudo 3b.	113
Fig. 120,121,122 - Fotos do caso de estudo da tipologia 4a/5a.	117
Fig. 123,124 - Fotos do caso de estudo da tipologia 4a/5a	118
Fig. 125 - Tipologia escolhida para introduzir os elementos da estratégia.	127

Nota: As imagens que se encontram sem referência são fotografias retiradas pelo aluno.



Anexos/ Processo de trabalho

## Entrevista

João Figueira Quintal nascido no Curral das Freiras, a 23 de Dezembro de 1932.

O Sr. João viveu a maior parte da sua vida no Curral, assistiu e ajudou a criar as estradas e tuneis de ligação do Curral das Freiras e do Funchal, viu as primeiras casas com luz na vila e a primeira ligação de autocarro da vila ao funchal. Tirando alguns anos no qual o Sr. João imigrou para a França e a Venezuela a procura de novas oportunidades.

João Quintal ou como é conhecido na vila como o “foguet” apelido que já vem de família viu o crescer da sua vila que quando ele era pequenino tinha meia dúzia de famílias no centro da vila, e que hoje em dia encontramos inúmeras casas e famílias, de diferentes formatos e tipos, e ao abandono de inúmeras habitações ao longo dos anos.

Ao longo da entrevista e das perguntas realizadas durante algum tempo, podemos ouvir as diversas histórias de vida do Sr. João e as diversas dificuldades e batalhas que travou durante uma vida de pobreza e necessidade, e a dificuldade que era manter dez filhos numa época em que o dinheiro era escasso. Só ao longo do tempo com muito trabalho e esforço conseguiu seguir em frente e ter uma vida melhor tanto para ele como para a sua família.

Boa tarde avo!

## **O avô pode-me contar como é que era o Curral das Freiras? Como era a vila, e as casas quando era pequeno?**

**João Quintal:** O Curral era sempre o Curral.

Oh quando era pequenino era uma casinha aqui uma casinha la, eram todas em zinque e palha. Era uma ale e la, agora são outros tempos existiam dez casais quando era pequeno.

(Estes Dez casais refletiam na zona da achada e não no resto da vila).

## **E a casa onde nasceu como era?**

**João Quintal:** Era uma casinha com cobertura de zinco que quando chovia era necessário tapar os buracos com panos para que a chuva não entrasse dentro da casa. Era uma casa de pedra e zinco que eram os materiais que existiam na época para construir.

Uma vez era pequeno ainda, quando veio um temporal com ventos muitos fortes e nós estávamos a dormir debaixo da cama do meu pai, eramos todos a dormir no soalho de baixo da cama com um saquinho de palha debaixo da gente. O vento estava tão forte que nesse dia começou a levantar o zinco da cobertura e o meu pai foi la fora a correr tentar amarrar o zinco a casa, mas o vento levou-a toda para o calhão da ribeira, no dia seguinte fui apanhar o zinque la baixo a furnadinhas.

Depois saímos da casa, porque o vento levou a casa e não podíamos estar la que a chuva era muita, o meu pai vinha com o zinco para levar-nos para casa da minha tia canhota que era uma casa de palha (casa de pedra com cobertura de palha). Quando chegamos a casa, a palha já tinha sido levada pelo vento, a minha tia estava a gritar por ajuda, o meu pai largou o zinco que trazia amarrado com uma corda, largou o zinco e disse “agora vai logo la vai” (referindo-se ao zinco).

Fugimos para casa da Francisca Bernardinha que tinham uma casa de telha, o casal do meu pai, o casal do canhoto, os destemidos. Quando chegamos la o vento já tinha levado a telha toda também e fomos então para a Vendinha, íamos todos agasalhados, eu levei 4 gasalhos, ninguém estava na cama, pois tudo procurava abrigo. Na Vendinha o vento começou a levantar a telha também e agua a cair dentro de casa, a cobertura tinha um tabique de madeira onde se colocava a telha. Como a água entrava dentro de casa o dono foi

buscar uma apua para furar o soalho, assim a água podia sair por ali abaixo ate as vendas, passamos assim a noite la em baixo em algo que parecia uma tempestade de latadas.

Essa foi umas das primeiras tempestades que veio, o meu pai ficou a lua, o vento levou-lhe o palheiro la em cima, o palheiro dos pais queimados, o calhão da ribeira, levando-lhe a armação e o zinco até a ribeira.

### **Então como é que era a casa do avô? Era só de um quarto?**

**João Quintal:** Era de dois quartos e a empena por cima dos quartos e debaixo do zinco, um dos quartos servia como cozinha e arrumos das enxadas e foices e alimentos o outro era o quarto onde dormíamos, era uma tristeza. Assim se vivia como nosso senhor de parou, vivíamos 10 pessoas, o meu pai teve 10 filhos e só escaparam oito e fomos todos la criados debaixo daquele zinco.

O dinheiro também era pouco, não tínhamos muito, o meu pai foi poupando e poupando para poder fazer uma casinha de telha e chispar (rebocar). O rato era um gajo a que lhe chamávamos rato que reboucava as casas la na terra. O meu pai deu-lhe um conto rei para ele trazer cal, esta que apodreceu toda a porta de casa. Naquele tempo não se fazia casa com cimento só se utilizava cal, o meu pai nunca fez mais nada. Ele tinha emprestado um conto ai outro conto la e ficamos sem dinheiro, aquele 3 contos que ele tinha emprestado trocou por fazenda, aquela ali onde tinha o galinheiro era do meu pai, o resto fui eu que comprei quando fez esta casa.

A vida do meu pai foi sempre atrasada, o meu pai ganhava pouco, sendo só o dinheirinho do dia de trabalho que ele fizesse fora. Assim vivemos ate que fomos caminhando cada um para os seus lados, eu comecei a trabalhar aos sete anos, com essa idade já ia do Curral até a cidade (funchal) com cargas as costas e trabalhava na serra no que surgisse.

### **Como é que seu pai ganhava dinheiro? Era a vender os alimentos cultivados para fora?**

**João Quintal:** Ca nada era só o dinheirinho de fora, quando alguém falasse trabalhava para outros e também foi assim como eu fui fazer os que os outros pediam por dinheiro. Fui ali para o fundo vermelho fora, apanhar erva pela rocha dentro com oito anos, aos onze anos já andava na comissão a carregar

canas e varas do fundo da rocha e da aquela fazenda nos três paus.

### **Quando tinha que levar cargas ao Funchal, como era o seu dia?**

**João Quintal:** Caminhava-se as onze horas meia-noite, para chegar ao funchal as 4 da manhã, ia com uma cesta de ameixas ou outros alimentos e ficávamos no mercado até a noite a tentar vender, ia sempre com as minhas botinhas todas rotas.

A primeira vez que fui ao funchal ia mas o meu pai, eu levava um cestinho de cerejas que era para oferecer a angariação de turismo, que se encontrava a frente do comando militar.

### **O avô quando ia ao Funchal, que caminho percorria? ia pela eira do serrado ou pelas levadas?**

**João Quintal:** Ia pelas levadas fora era mais rápido demorava quatro horas de percurso, pela eira do serrado era muito mais demorado, com doze anos ia para a serra da boa aventura com um molinho de lenha, para levar a cabouqueira para vender. Uma vez cheguei a Santo António e estava lá um senhor a perguntar se a lenha já estava vendida? A minha mãe disse que já estava vendida por dois testões e meio a um senhor em Santo António, se não ela vendia. Depois tínhamos que seguir caminho até São Martinho onde pagavam três testões ao quilo, faziam-se mais 1 hora de caminho só para ganhar mas meio testão.

### **Três “testões” dava para quê? Dava para comprar muita coisa?**

**João Quintal:** Um quilo de lenha dá para um quarto de pão, esse pedaço de pão custava dois testões e meio.

Um dia vimos ter a levada de Santo António a um local que era chamado o descanso da madalena, vinha com um molhinho de lenha as costas e de repente as unhas bateram-me na esquina da calçada e bumba abiquei a lenha e fui ter ao chão, depois comecei a chorar e tentei levantar a cabeça a ver se tinha alguém que me ajudasse mas, naquele tempo passava pouca gente lá, mesmo já passando a estrada para os carros.

Cheguei lá abaixo na Cabouqueira onde vendíamos a lenha numa mercearia,

chegávamos lá e a lenha era pesada depois o senhor passava um vale para nos trocarmos por comida ou dinheiro. Numa dessas viagens a minha mãe virou-se para o senhor que passava os vales e disse “o amigo pode aumentar um quilo de lenha para o meu filho poder comer um quartinho de pão?” A minha carga levava 16 quilos e o senhor colocou 17 quilos de lenha, nunca mais me esqueceu. Demorava-se meio-dia para ir à serra de Boa Ventura buscar a lenha e outro meio-dia para ir lá abaixo à cidade levar a lenha.

Depois da lenha comecei no carvão, ia à serra do Pico Ruivo onde se fazia carvão para levar à cidade, pois naquele tempo os carros funcionavam a carvão e íamos até ao descanso da Madalena, lá havia uma casa velha e abandonada sem telhado subíamos uma escadaria para deitar o carvão. Este era o sítio mais perto existia outro local que era mais longe.

Uma vez tentamos ir a esse sítio e a minha mãe ia com uma saca às costas, ela já mal podia andar e pediu ajuda a dois homens que estavam em cima da ponte, para a ajudar a por a saca no chão, ela já pingava água pela testa abaixo que ficava preta devido ao carvão. Depois comecei a trabalhar para as comissões.

### **O que eram as comissões, o que tratavam?**

**João quintal:** As comissões era um grupo que se encarregava inicialmente de encarregar os túneis, os miradouros, as levadas, na planta de pinheiros pela serra abaixo. Eu trabalhei na planta de pinheiros, primeiro apanhávamos a erva e depois andávamos a mantear a terra para plantar os pinheiros, ainda hoje se vieres pelo caminho do Funchal para o Curral aqueles pinheiros que estão plantados pelo caminho fora fomos nós a plantar. Trabalhei lá até os dezasseis, onde andei sempre na carga.

....Já levava uma carga de trinta quilos às costas, mas a minha mãe e irmã, levávamos cargas para o funchal para ganhar seis escudos a dividir para os três, depois do caminho chegavam à estrela onde tinha um pequeno cafezinho, pedimos um café, mas não era café de máquina como de hoje em dia, era sim uma mistura que ele fazia, mas umas bolachinhas se eles tivessem.

### **Na altura da adolescência do avô, o nível de vida já era melhor?**

**João Quintal:** Não era sempre o mesmo trabalhávamos para comer e poupa-va-se o que se pudéssemos. Naquela altura não existia pão, não havia massa, nem sal, nem açúcar. Quando começou haver açúcar este era vendido em senhas, cada pessoa podia pedir uma senha e depois trocar esta por um pacote de açúcar, algumas pessoas não tinham dinheiro para comprar por isso vendiam as suas senhas para outros.

Depois fui trabalhar para casa alheia e para a rocha onde recebia um conto rei por ano, andei pendurado na rocha a picar pedra para fazer as levadas, durante quatro anos estive a trabalhar la. Depois disso casei-me mas antes fui dois meses presos .....

### **Como foi a vida do avô após o casamento?**

**João quintal:** Depois do casamento comecei a fazer a vida com a mulher utilizei os dois mil escudos que tinha poupados até essa altura mais mil escudos que pedi emprestados para fazer a primeira casa, esta era só um quartinho de casa mas a cozinha, depois os pequenos foram nascendo e dormiam no início no sótão, só mais tarde é que fiz um quarto para eles.

Passei muita miséria para criar 8 filhos vivíamos a comer e ganho (compravam comida segundo aquilo que ganhavam no próprio dia) a mulher bordava como todas bordavam, enquanto eu e meus filhos trabalhavam na fazenda ou fazíamos trabalhos para outros, criei oito filhos com o aquilo que ganhava e conseguir comprar muitos terrenos antes de embarcar para França.

Ainda antes de embarcar trabalhei três anos na criação dos tuneis, sempre no martelo abrindo caminho pela rocha fora trabalhava quinze horas por dia, depois voltava a casa e pelo caminho levava um molhe de erva ou de lenha para casa, para vender ou para uso próprio, podendo ganhar sempre o dia, ganhando quatro escudos por dia de trabalho. Após os tuneis comecei a ajudar na construção da eira do serrado, enquanto andava a picar pedra pendurado na rocha, por baixo outros andavam a alcatroar as estradas.

Depois deste trabalho o encargado das obras gostou do meu trabalho e convidou-me para a ponta do sol, ajuda e Madalena onde andei a fazer tuneis e estradas. Depois estive sete anos e meio no pico do Arieiro onde levei com muito frio e neve, eu mas uns rapazes fizemos 3 casas e 3 cozinhas pela ro-

cha dentro (furnas), estas eram bem quentes onde nós vivíamos a espera de chamadas para trabalho. Andei na rocha, a limpar quebradas e os caminhos. Uma vez uma estrada caiu e andei três meses pendurado na rocha todo o dia onde a pele ficava presa na corda, limpávamos as estradas e os escombros, trabalhava toda a semana só voltava a casa nos fins-de-semana.

## **França...**

Após estes anos a passar por muitas dificuldades e ver que a sua vida estava a tomar o mesmo rumo que a vida do pai, o Sr. João Quintal decidiu partir para França e procurar melhores oportunidades de ganhar dinheiro, podendo assim oferecer melhores condições de vida para a sua família.

Sendo assim João Figueira Quintal partiu da Madeira aos trinta e três anos de barco até Lisboa com um saco de roupa e alguns trocos, suficiente para pagar as viagens e aos contrabandistas que o faziam chegar a Espanha. Imigrou ilegalmente como muitas pessoas faziam naquele tempo, mas a companhia de dois senhores que tinha conhecido nas construções dos tuneis na Madeira. João Quintal atravessou Portugal continental apanhando boleias e com muitas caminhadas a pé, foi de Lisboa pelo ribatejo acima até Castelo Branco, beira alta e beira baixa, atravessando matagais e pinhais com os contrabandistas que o levaram até a Espanha, por caminhos não povoados de modo a poder fugir da polícia.

De Espanha apanhou um comboio com direção a França onde chegou lá com dois francos que usou para comprar um café e pão para ele e para um companheiro que ia com ele para Marsena onde passaria os próximos dois anos e sete meses a trabalhar limpando mato e silvado em terrenos baldios de modo a tornar estes aráveis. Passava este tempo todo sozinho e só sabendo da família através das cartas que mandava e as férias de natal onde ia até casa visitar a família.

## **Depois de voltar da França o que andou a fazer?**

**João Quintal:** Cheguei da França em setembro e trabalhei os próximos três meses a ajudar a fazer uma casa já tinha algum dinheiro poupado em de França, mas sempre que aparecia algum trabalhinho o aproveitava. Trabalhei

naquela noite dia e noite, começamos a fazer os alicerces aqui e ali do início ao fim, acartando cestos de terra que retirávamos do sítio. A era feita em pedra e bloques (tijolo) os alicerces era de bloques e o resto da casa era construído em pedra.

A casa em questão faz parte da tipologia 2<sup>a</sup>, era uma casa simples de um só piso com o pátio frontal. A habitação tinha três compartimentos que seriam utilizados como quartos e loja com a possibilidade de ter sótão como era muito comum na época, a casa também tinha uma cozinha a lenha com lareira no chão, situada num volume separado.

Poder por um esquiço pelo caminho

### **Enquanto o avô estava na França, como era a vida da avó e dos seus filhos?**

**João Quintal:** Enquanto eu estava na França a mulher ficou a tomar conta da fazenda, naquela altura já tinha muitos terrenos, tinha a ribeira do cidrão, os alecrins, os trás picos, a choupana. Ela ficou aqui a tratar da fazenda que fui comprando aos poucos e criando os oito filhos que já tínhamos, um deles com tinha apenas meses antes de eu embarcar. A mulher e os filhos trabalhavam na criação dos gados e das fazenda, produzindo assim alimentos para a família nas também para a venda e troca deles.

### **Como eram as condições das casas? Elas não tinham água, nem luz, como é que as pessoas faziam? E quando é que estas começaram a surgir?**

**João Quintal:** Cá água nenhuma, nos tínhamos que buscar água as poças ou levadas, íamos la com latinhas de cinco ou mais litros, a água vinha com lameiro, pois tínhamos que aproveitar a água das chuvas ou o que houvesse, depois foram surgindo as fontes que vinham com aguas meia canalizada, era sempre melhor do que que a água das poças.

Luz? A luz veio primeiro que a criação dos tuneis, nem todas as casas tinham, mas foram surgindo aos poucos. A primeira casa a que puseram luz andava eu nos trás picos e andava um Sr. Samuel que hoje em dia trata da iluminação dos arraiais, a tratar da luz numa casa cá no centro.

## **Finalizando**

Após alguns meses na madeira depois de ter voltado da França, voltou a imigrar desta vez para a Venezuela, onde trabalhou durante uns anos como empregado numa padaria até que poupou dinheiro suficiente para ser dono da sua, teve mais duas filhas na Venezuela e ficou lá durante alguns anos, onde juntou algum dinheiro.

Voltou à Madeira, com alguma margem financeira, em busca de emprego pois nunca parou de procurar trabalho. No primeiro ano após, cultivava e apanhava uma tonelada de sementes, tratava de bois, porcos, ovelhas e cabras, nos quatro palheiros do qual era proprietário. Construiu uma nova casa e melhorou a sua antiga habitação para a poder alugar.

Começou a trabalhar essencialmente na vida de campo, fazendo de tudo um pouco, para além da criação de gado e da plantação de produtos alimentares tais como a batata-doce, a sementeira, vários tipos de feijão, couves, massarocas, inhame, pinela, aboboras. Cultivando não só para consumo próprio, mas sim também, em grandes quantidades para venda e troca. Por sua vez, produz frutos, tais como, a noz e a castanha, sendo um dos principais produtores do Curral das Freiras. Esteve também na produção de vimes, onde passava dias inteiros na apanha deles e as noites a os coser, de modo a poder descascar-los e vender aos grandes armazéns que faziam mobiliários de vimes típicos da Madeira.

Aos 83 anos nunca perdeu um dia de trabalho até que sofreu de uma queda onde se aleijou no pé, mas mesmo assim continua fazendo as coisas aos poucos, alguns trabalhos da fazenda. Hoje em dia continua a trabalhar, fazendo aquilo que a sua condição lhe permitem.





